ANNO XII NUM 590
5 ABRIL
1930
PREÇO
1.000
PARA TODOS...

Exemplo a imitar

Em São Paulo realizou-se ha pouco tempo, uma grande parada de jovens que se dedicam ao athletismo. Apresentaram-se cerca de 50.000. Foi uma demonstração viril e patriotica da nossa mocidade. Todos os Estados devem imitar o exemplo de São Paulo. O fortalecimento pela gymnastica e pelo athletismo é indispensavel a todos os povos. Aos jovens athletas recommenda-se, afim de augmentar a capacidade physica e de restringir a tendencia á fadiga, o uso de saes de phosphoro e calcio, em especial da Candiolina, que os contém sob uma fórma assimilavel e agradavel de tomar. Do mesmo modo como se aconselham aos jovens as salutares praticas desportivas, aconselha-se aos desportistas o uso desse producto, pelos seus salutares effeitos animadores e reconfortadores da energia physica. Em todo o Brasil se devem organizar certamens iguaes ao realizado em São Paulo. Em todos os clubs se deve adoptar o uso da Candiolina da Casa Bayer.

Espinhas no rosto

Certas pessôas são muito achacadas de espinhas no rosto, sobretudo na juventude. Essas espinhas são mais communs nas pessôas anemicas e chloroticas, cuja pelle, não sendo favorecida pela circulação, torna-se fraca e os folliculos sebaceos susceptiveis a essas pequenas inflammações, scientificamente denominadas acnés. O remedio contra esse mal consiste no fortalecimento do paciente, na vida ao ar livre, no uso de alimentos ricos em vitaminas e na desinfecção da pelle. Para este ultimo fim, recommendam os especialistas o Sabão Bayer de Afridol. Applique-se o sabão, deixe-se a espuma seccar, removendo-a uma hora depois pela lavagem. Além de combater as espinhas, ainda fortalece e amacia a pelle.

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente ineditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao Grande Concurso de Contos Brasileiros de "O MALHO" todos e quaesquer trabalhos literarios de qualquer estylo ou qualquer escola.

2ª — Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographado.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.

4ª — Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.

5ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.

6ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.

7ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.

8ª — E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam ineditos e originaes do autor.

PREMIOS

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	Rs. 300$000
2º logar	Rs. 200$000
3º logar	Rs. 100$000
4º, 5º e 6º collocados, cada..	Rs. 50$000

Do 7º ao 15º collocados (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS" — Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

O assassinio do desventurado imperador foi resolvido no palacio onde reinava sua esposa. Catharina teria assistido a esses conciliabulos ou teria apenas consentido nelles? Ninguem o sabe; só as paredes do palacio poderiam esclarecer a historia, mas os favores dispensados aos criminosos, pela esposa de Pedro assassinado, attestam que, se no começo ella não consentiu, no fim estava de accôrdo.

Quanto ao crime, as circumstancias durante muito tempo foram obscuras. O testemunho tardio, mas circumstanciado de um creado, esse mesmo Bréssan que fôra enviado como mensageiro a Oranienbaum, e que havia obtido a permissão de ser encarcerado com o soberano, não deixa nas sombras nenhuma atrocidade.

A vizinhança de Péterhof inquietava a imperatriz e os seus cumplices: uma revolta dos soldados da guarda poderia dar um chefe a Moscou, um tzar á Russia, um vingador a usurpação conjugal. No sexto dia, após seu coroamento, a imperatriz ordenou que conduzissem seu marido no castello imperial de Robscha, habitação confortavel para uma prisão de Estado, que a piedade parecia querer suavizar.

O imperador informado dessa mudança, mandou pedir á Catharina, que lhe concedesse o pequeno negro, cuja companhia o divertia algumas vezes, o seu cão favorito, emfim, o seu violino, o qual Pedro gostava de tocar como Frederico o grande a sua flauta, uma

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro - 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

O assassinato de Pedro III

biblia e alguns livros para se distrahir da obcessão dos seus pensamentos. Elle dizia na sua petição á imperatriz, que desgostoso da maldade e ingratidão dos homens, desejava viver como philosopho desenganado das vaidades humanas, assim como Dioclétien á Salone, sem saudades do throno e sem recordações do passado.

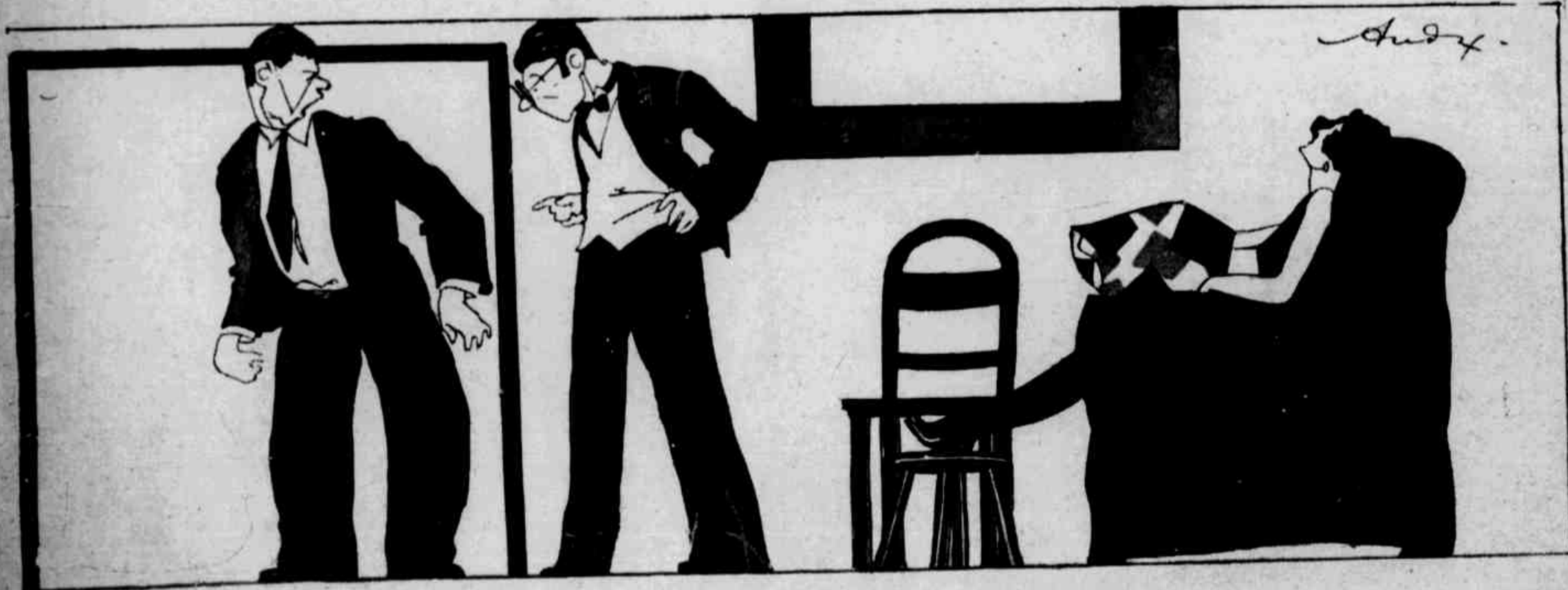
Porém, em logar de receber essas consolações ao seu infortunio, elle foi transportado durante a noite para uma prisão mais estreita e mais ignorada á Mopsa, pequeno pavilhão de caça do hetman dos cossacos, o perfido Razomouski.

Pessoa alguma a excepção da imperatriz, de Orlof, de seus cumplices e de alguns soldados empregados por elles na guarda do prisioneiro, conheciam em Pétersbourg o logar da residencia do rei.

Pedro III definhava desde alguns dias, quando a agitação crescente entre as tropas de Moscou e de Cronstaldt, precipitou o crime ainda indeciso.

O veneno foi escolhido dentre todos os instrumentos de morte, por ser aquillo que deixa menos vestigio sobre o rosto e menor indicio á posteridade.

Um medico da côrte, um estrangeiro, vendido antecipadamente a todos os crimes de Estado, legitimado pelos interesses dos grandes do imperio, foi encarregado de preparar a mortal bebida. Alexis Orlof e Tieplof, homens devotados a tudo aquillo que podia dar um titulo ao reconhecimento dos assassinos, se incumbiram de fazer beber o veneno por vontade ou á força.

Alexis Orlof era o colossal soldado, irmão do favorito da imperatriz,

Pierrot, Arlequim e Colombina Seculo XX. Só mudaram os trajes.

que havia corrido a Peterhof afim de procurar a amada de seu irmão para subir ao throno ou ao cadafalso.

Em 6 de Junho de 1762, Alexis Orlof e Tieplof partiram de Péters-bourg, e faziam abrir a prisão de Mopsa, apresentando-se com uma physionomia risonha ao imperador, como se fossem dois mensageiros de reconciliação e boas noticias, e que vinham annunciar-lhe a sua proxima mudança para Robscha, com todas as doçaras e todas as honras devidas á resignação do antigo soberano de uma nação.

Elles lhe pediram o favor de jantar á sua mesa, para tomarem parte nas suas alegrias pela melhoria de sua sorte.

Pedro, consolado por essa visita ordenou aos creados que servissem o jantar. Segundo os habitos russos, momentos antes do jantar, beberam copos de licores fortes, para aguçar o appetite.

Emquanto que Tieplof esforçava-se para distrahir a attenção e os olhos do prisioneiro, Orlof enchia os copos, e derramava furtivamente, naquelle que era destinado ao imperador, o veneno que trazia occulto.

Pedro, sem desconfiança, bebeu todo o copo de aguardente envenenada, e, quasi instantaneamente, consumido pelo fogo do veneno que lhe devorava as entranhas, deu um grito e contorcia-se por entre dôres.

Orlof, fingindo crer que era o calor da aguardente que surprehendia o seu paladar habituado ao jejum, lhe apresentava um segundo copo.

Pedro o afastou com horror, e reprovou-lhe a covardia do seu crime.

Pediu em grandes gritos leite, ou um contra veneno, as grandes muralhas, porém, eram surdas, e os dois scelerados o perseguem com outro copo na mão para forçal-o a beber toda a dóse.

No fim, o fiel creado François Bréssan ouviu o tumulto, correu, e recebeu nos braços o seu soberano desvairado.

"Os cobardes, exclamou Pedro, os ingratos, os perfidos! Não era bastante para elles impedirem-me de acceitar a corôa da Suecia e de arrebatarem-me a da Russia! Foi-lhes preciso ainda a minha vida..."

Bréssan supplicou a Orlof e Tieplof de pouparem seu desgraçado soberano, mas os dois carrascos, auxiliados por um official da guarda, Baratinsky, jogaram o creado fóra do quarto e continuaram a approximar o resto do veneno aos labios do imperador.

Na luta, Pedro cahiu no chão, emquanto Orlof com a sua força herculea carregava sobre o peito do imperador abatido o seu joelho, com uma das suas mãos gigantescas lhe comprimia a garganta, e com a outra lhe apertava as fontes, Baratinsky e Tieplof pegaram um guardanapo, torceram-n'o como corda, e em nó corredio passaram ao redor do pescoço do imperador, acabando de estrangulal-o, e deixaram-n'o sobre o assoalho a debater-se com a morte.

Em uma ultima convulsão, a victima levando a mão crispada ao rosto de Orlof, rasgou-lhe a face com as unhas ensanguentadas.

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

—por—
Lamartine

Primeira tarde de outomno do anno em que passa o Centenario do Romantismo.

LIVRO VERMELHO DOS TELEPHONES -- Lista não official

Está publicada a edição para 1930 deste excellente catalogo telephonico, editado pelos Srs. M. Salaverry & C.a.

Como as edições anteriores, a do corrente anno divide-se em varias secções, facilitando o encontro de qualquer endereço por uma só indicação que se tenha, como rua, profissão, numero, ou nome.

Perde-se ás vezes um tempo longo, e preciosíssimo, á espera de que a telephonista attenda para informar qual é o numero da casa numero tal em determinada rua. "O Livro Vermelho dos Telephones" (Lista não official), permitte a economia desse tempo, porque basta procurar-se na secção "Ruas" o numero do apparelho desejado, e logo se o encontra. O mesmo exemplo serve para quem, tendo apenas um numero de apparelho, deseje saber a quem elle pertence, ou em que rua e numero está. Procurará, no precioso annuario dos Srs. M. Salaverry & Cia., na secção "Nomes" ou na secção "Numeros", e obterá a informação desejada. A secção "Profissionaes" é analoga á mesma secção do catalogo commum da Telephonica.

Augmentam a utilidade do "O Livro Vermelho dos Telephones" para todas as classes, todas as profissões, como para o proprio lar, duas outras secções: "Automoveis" e "Caixas Postaes". A primeira, sabido o numero de um automovel, permitte que se saiba a quem pertence, a garage em que é guardado e até a sua marca. Faz-se a prestabilissima, quando, por exemplo, um passageiro esquece um livro, uma bolsa, um objecto qualquer no taxi, como é habitual acontecer.

A secção "Caixas Postaes" não é menos util. Permitte ella que se saiba, rapidamente, com quem se ha de tratar quando o interesse nasce de um annuncio sem outra indicação.

Aqui convém lembrar ser "O Livro Vermelho dos Telephones" a unica fonte de informação de caixas postaes de que dispomos, o que é indispensavel a todo commerciante ou industrial.

"O Livro dos Telephones" é um catalogo, uma lista "não" official, vendido nas principaes livrarias. A sua apresentação material elegante, artistica mesmo, tornam-no proprio e ser visto em qualquer escriptorio, mesmo nos aristocraticos gabinetes de estudo das residencias ricas. E tudo isto pelo insignificante preço de 20$000 o exemplar, importancia que se multiplica em lucros para o seu possuidor, que com elle evita aborrecimentos, perda de tempo e mesmo, em alguns casos, economiza dinheiro que seria gasto na falta dessas informações á mão.

A' porta da Matriz de Petropolis

No Instituto de Musica

Y. F.

Assim como desconfio muito do homem que fala fino, tenho cá as minhas desconfianças de mulher que fala grosso.... Nesse ponto, estou de accôrdo com o tabaréo da minha terra, quando diz:

Ha duas coisas no mundo
que nem que eu queira, não posso:
é hôme que fala fino
e mulé que fala grosso...

Quando a mulher que fala grosso e o homem que fala fino não cantam, o perigo é apenas um. Mas quando a mulher fala grosso e o homem faia fino e além disso cantam, então o perigo é duplo, é um perigo dobrado, dc qual todo mundo tem a obrigação de se defender.

A Y., entretanto, não liga. E não liga por isto. Ella sabe perfeitamente que a voz grossa em uma mulher — sobretudo em uma mulher bonita como ella — é uma aberração... Mas, por isso mesmo ella está satisfeita. Tudo quanto é aberração tem uma estação formidavel no mercado da uma cotação form'davel no mercado da fino, isto é, um homem que canta fino, vale muito mais do que o que canta grosso. E' o caso do "preço" de um tenor, comparado com o de um barytono. Da mesma fórma, a mulher que canta grosso, vale muito mais do que a que canta fino. Duvidam? Quanto pagam os empresar'os por uma contralto de valor? Uma fortuna!

A Y. sabe muito bem disso; e, como e contralto, já dec'arou que "quer-ser" celebridade para fazer fortuna depressa...

Ella, aliás, não tem, sozinha, a culpa de ter essa convicção — e digo convicção, para não dizer pretenção, porque uma moça bonita nunca é pretenciosa: no maximo, é convencida... Isso na opinião das mulheres feias...

Ass'm, quando o meu leitor se defrontar com a Y., deve ficar sabendo que se defronta com uma futura celebridade brasileira...

Vale a pena a gente querer convencer a Y. que isso é pretenção? Não vale. Ella tem "a certeza" de que vae ser uma notabilidade, não apenas brasile'ra, mas mundial. Todo o mundo vae ficar encantado deante della.

E vae mesmo. Se não ficar maravilhado pela voz, ficará pelo seu rosto, que é lindo. Se a cantora não impressionar, a "belleza brasileira" impressionará fatalmente, porque ella é, de facto, uma das ma's lindas brasileiras que conheço.

(Dessas que não apparecem nunca nos concursos de belleza)...

DE SÃO PAULO

Em cima e em baixo: poses especiaes para "Para todos...", á porta da igreja de Santa Cecilia, depois da missa mandada rezar pelas alumnas que concluiram o curso no Conservatorio de Musica.
No meio: turma de 1929 da Escola de Commercio 30 de Outubro.

Paratodos

Os Vestidos Compridos...

NÃO tenha duvida, minha filha: a moda dos vestidos compridos pegará e impor-se-á. O destino das modas é vencer. E os costureiros são os homens mais intelligentes deste mundo. Só jogam na certa...

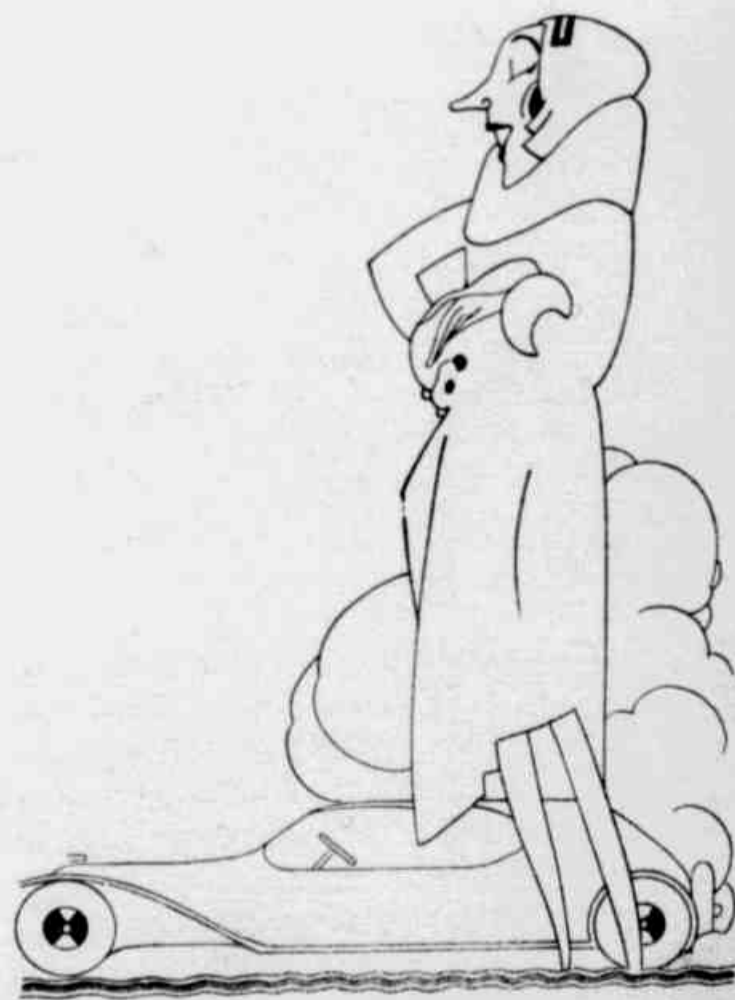
E elles não teriam "velado" um pouco á curva das pernas, sinão pela opportunidade de *revelar* outro tanto á curva das ancas... Porque, já vocês naturalmente observaram: com a moda dos vestidos compridos parece que se desnuda ou semidesnuda (o que é bem peor) toda a musicalidade daquelle trecho que váe da cintura e fecha em parentheses harmoniosos a anatomia do fim do tronco, toda aquella musicalidade provocadora como que nos entra pelos ouvidos... ora, ora! — como que nos entra pelos olhos e pelas narinas, numa irresistivel onda aphrodisiaca...

Com effeito, reparem. Os vestidos são longos. Vão quasi do pescoço aos tornozelos. E entretanto, a suggestão que deixam é a de uma gaze puramente subjectiva, espiritualizando (e a peor volupia é a do espirito) a nudez ampla, absoluta que se adivinha ao *camouflage* daquelle aereo pannejamento.

Esses costureiros... Homens intelligentes! Pela profissão que abraçam e pela duplicidade de sexo com que a exercem.

Um homem que inventa modas para as mulheres vale por dois homens. E isso é nada: vale por duas mulheres...

Mas, com tudo isso e apezar de tudo isso, ainda está com a razão o subtil e esturdio Oscar Wilde. A esphinge continua sem mysterio... E até mesmo possivel engarrafal-a numa quadrinha ou numa estrophe qualquer, como aquellas que o finado João de Deus fazia para as "balas de estalo". Por exemplo:

Quando se despem
para dormir
é que se vestem...
Quando se vestem
para sahir
é que se despem.
São transparentes e finas
e da côr da carne, as meias.
Fantasias femininas!
Ora, dizer que usam meias...,
Que ladinas!
Longe de vistas alheias
e maldades masculinas,
já sem zelos,
ahi, sim! tiram as meias,
e as pernas, assim despidas,
ficam, ao menos, vestidas
dos poucos ou muitos pêlos...

BRAZ GAROTINHO.

PAULETTE

É uma menina, uma menina pequenina. Conhecem? Não? Que pena não conhecerem Paulette! Vou apresental-a, ou melhor, vou apresental-os a ella, pois as pessoas adultas existem em toda parte, e as crianças, todos nós sabemos, já raramente se encontram. Ignoro como Paulette os acolherá, talvez bem, talvez mal, talvez bem e mal ao mesmo tempo. Procurem agradal-a, é o melhor. Do contrario lhes acontecerá o que a mim aconteceu.

Para que comprehendam toda a sua impertinencia é preciso desenhar o retrato de Paulette.

Dez annos, longos cabellos annellados, castanhos, escuros, com reflexos dourados; grandes olhos, tambem escuros, carinhosos e profundos, onde corre, sem parar, um ponto de ouro, mysterioso, que não se fixa nunca; um corpo flexivel e fino, de movimentos rapidos, continuos, sempre gracioso. Não ha geito de conservar Paulette parada, e quando caminha parece que dansa. Eu sou talvez parcial porque estou furioso desde a humilhação que ella me infringiu. Por isso não digo bastante bem della. Dêm o desconto para que a verdade seja restabelecida.

Temos passeado muito juntos. E' uma companheira que não teme coisa nenhuma e que tem "coquetterie" para os momentos mais difficeis. Quando, com difficuldade, colloquei Paulette em cima de um rochedo solido, depois de uma passagem escorregadia, foi para ouvil-a dizer:

— Queres que te ajude?

Um dia, fomos surprehendidos por uma chuva torrencial e refugiamo-nos debaixo de um castanheiro. Ella tinha, muito embora a bravura, um infantil horror dos trovões.

— Elle não vae cahir, tem certeza?

— Quem?

— O castanheiro.

Cobrira-a com a minha pelerine dentro da qual ella desapparecia completamente, salvo o rosto. Uma gotta cahiu-lhe, de uma folha, sobre o nariz. Olhei-a, poz-se a rir. E foi o riso que a animou.

Uma outra vez, tambem no campo, ella corria na minha frente. Os cachos longos do cabello rythmavam a carreira. Baixou-se para colher uma flor silvestre e o cabellos cobriram-lhe o rosto. Parecia, aos cinco annos, querer apoderar-se do universo inteirro. Quando voltou para junto de mim disse:

— Gosto do mundo.

— Gostas do mundo?

— Sim, gosto de todo elle.

Ella gosta de tudo, é bem isso. Precipita-se na vida como no nosso jardim que deseja aspirar todo. Ainda não se fartou. Essa avidez, deliciosa de se assistir, ás vezes me faz medo. Como se contentará ella com uma sorte commum? Ambiciono para Paulette um futuro dourado. Mas ainda assim não se satisfará. Os nossos passeios mostram-me isso bem. Uma occosião me fez descer ao fundo de um barranco por ter avistado uns cravos agrestes, uns pequenos cravos rosa. Era muita gymnastica para uma colheita tão magra. Mas as crianças zombam dos esforços que exigem. Creio que nós tambem fa-

zemos o mesmo. Havia no fundo do barranco muitos cravos agrestes. Depois de apanhar tres ou quatro, desejoso de acabar logo e de subir novamente, gritei:

— Quantos quer?

— Ao menos, todos.

— Peste de pequena, que nao se satisfaz nunca.

E é preciso não vacillar com ella. Ric, rac: decide tudo com competencia. Não está ao par das ultimas prescripções sociaes? A lei do trabalho não tem segredos para ella. De boa vontade privaria da sobremesa e mesmo da refeição, todos aquelles que não tivessem trabalhado? Admiram-se? Quando a conhecerem nada mais os espantará. Entrou, um dia, em Paris, no meu gabinete de trabalho. E' expressamente prohibido entrar no meu gabinete de trabalho; mas, para Paulette, não ha nada sagrado. Assim que conseguiu attingir o trinco da porta, penetrou com autoridade, mas com gentileza. E eil-a que vem a mim e me pousa a pequena mão nos olhos.

— Paulette, minha querida, que é que tu queres?

— Mas, papae, o teu rosto não está molhado!

— Porque deveria o meu rosto estar molhado?

— Não ganhas o teu pão com o suor do teu rosto?

Lêra na *Historia Sagrada* que o homem é condemnado a ganhar o pão quotidiano com o suor do seu rosto, e logo me applicou a phrase.

A biographia de Paulette já é tão cheia de casos que, como vêm, não paro mais. Acredito que essa luz nascente fará um dia luminoso.

Mas creio que ainda não lhes contei a lição que recebi della. Estavamos na vespera de 1° de janeiro. A sua mãe me confiára Paulette para um passeio.

— Sobretudo, recommendára-me, não lhe compre nada. E' a época das festas e os presentes chovem de todos os lados. E' injustamente, ajuntou:

— Você tem tendencia para estragal-a com vontades.

Como se eu tivesse, algum dia, feito a vontade de Paulette!

Hesitamos entre o jardim des Plantes, onde existe um grande viveiro, e o Jardin d'Acclimatation, onde se dá de comer aos animaes na mão e finalmente, fomos aos Champs-Elysées.

O frio forte e secco corava-lhe o rosto. A côr é o que, quasi sempre, lhe falta. O ar dava-lhe o rosado. Estava encantadora. De vez em quando olhava-a para ver se continuava assim.

Os Champs-Elisées mostravam-se coalhados de pequenas lojas bem sortidas. Bonecas e polichinellos dependurados em barbantes, balançavam-se aguçando a cobiça das crianças. Como poderiam resistir á tentação? E nós, nós resistimos muito? A nossa maior coragem, nesses casos, é ainda a fuga. Paulette, ajuizadamente e seria, como eu não teria acreditado, pediu-me para lhe offerecer um modesto balde de madeira.

— Aquelle?

— Sim, aquelle.

Eu designára o mais simples. Havia outros, pyrogravados e muito mais tentadores. Offereci-lhe o balde de madeira. Depois do balde, uma pá.

— Aquella lá?

Uma pá qualquer, anonyma, sem nenhum ornamento. Dei-lhe a pá. De que serve um balde sem a pá para enchel-o de areia? Existe entre esses dois objectos uma ligação estreita, uma união necessaria que um pae não percebe immediatamente, mas que uma criança distingue logo. Depois foi uma bola. Para falar a verdade, a bola não se prende a coisa nenhuma. Tambem a corda para pular que me foi reclamada. Mas eu tinha uma razão, uma razão superior, que todos os paes cuidadosos na educação dos filhos, comprehenderão: queria ver até onde ia o appetite de Paulette. Convenhamos que era uma experiencia interessante. Então, designou uma boneca de rosto terno e mostrou-m'a sem nada dizer. Vi o ponto de ouro que lhe corre nos olhos, se fixar. Sorriu, estava linda, não me pediu nada. Asseguro-lhes que não pediu nada. Offereci-lhe a boneca.

Sabem como me agradeceu? Não, não adivinharão nunca. Com as duas mãos cheias, olhou-me gravemente e disse por fim:

— Como você é fraco, papae!...

Henry Bordeaux
da Academia Franceza

DESENHOS DE JEAN DROIT

DA TERRA DOS OUTROS

A festa annual dos bombeiros japonezes junto do Palacio Imperial de Tokio: acrobacias nas escadas

Prova de resistencia da ponte em cimento armado da Caille na Alta-Saboia.
(Photo Verson).

Chegada á terra do primeiro marinheiro salvo do vapor inglez "Knebworth".

(Photo Robertito)

O general russo Koutiepot. Chefe do Exercito Branco, que os communistas raptaram em Paris. Esse rapto foi um dos casos mais sensacionaes dos ultimos têmpos na Europa. Os norte-americanos até ficaram com ciumes...

A Rainha das Normalistas

No salão nobre do Instituto Nacional de Musica foi coroada a 27 de Março a senhorita Graziella Caselli, eleita em concurso do "Correio do Brasil". Foi o "Correio do Brasil" o organizador da linda festa que teve assistencia numerosissima.

Que pensa dos vestidos compridos ?

Primeira manhã de sol após chuvas continuas e chuvas intermittentes, annunciadas pelo observatorio e verificadas por quantos habitam esta mui bella cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. E', por conseguinte, manhã previlegiada.

Chego muito acima, na rua das Laranjeiras. Portão aberto para um jardim bem cultivado: flores e arvores, todas muito lavadas, côres varias, e o verde da vegetação, das palmeiras, dos pinheiros, de varias plantas que cresceram aproveitadas com gosto no desenho do jardim, e já tão crescidas que ensombram parte e escondem um pouco o elegante palacete. Lá dentro, conforto, salas espaçosas, bem arranjadas. "Bibelots" e bonecas dão a entender que ha mocidade alegrando tudo aquillo. E a mocidade é Olga Praguer, violonista que os criticos daqui e dos Estados consagraram pela arte com que dedilha o violão nas cantigas que ella canta. Um recital de Olga é a reunião da nossa mais fina sociedade, a que ella pertence e que a mimoseâ.

Que diria das saias compridas, a gentil moça ? Gostaria da innovação ? E que mulher não acompanha com prazer os dictames de elegancia e deixa de usar o que elles pregam ?

Ruido de quem desce a escada apressadamente. Olga Praguer apparecer, sorridente e bonita, num costume de crêpe de seda rosa que lhe dá realce á pelle morena.

Principio por pedir-lhe que se preste a algumas "poses" photographicas. Daqui e dali, dentro de casa e no jardim o photographo se desincumbe da tarefa. Olga quiz ser retratada com uma boneca japoneza cujo nome fiz questão de saber e agora me escapa. E' um appellido tambem japonez para a feliz representante das bonecas nipponicas junto a outra boneca de carne e osso, a cuja animação assiste sempre com o mesmo olhar, a mesma expressão, o mesmo silencio. E pa-

OLGA PRAGUER NA ROTUNDA DA SUA CASA

receu-me tambem que se tratava da favorita, porque outra, na saleta de Olga, ficára mollemente no sofá, vestida de sedas e rendas, formosa na discordancia dos cabellos pretos e olhos côr do céo. Numa poltrona, um "pierrot" muito branco, muito esguio, lembrava-me o de Menotti del Picchia, ao qual Arlequim dizia:

"Não comprehendo um Pierrot que não seja romantico,
branco como o marfim, magro como um canniço,
enchendo o mundo de ais, sem nunca passar disso."

Olhei-o mais. E me vieram á mente as palavras de Colombina, ainda das "Mascaras" do citado autor:

"Olha-me assim, Pierrot... Nada mais bello existe
que um Pierrot muito branco, e um olhar muito triste..."

E Olga, que se não quizera photographar com o pobrezinho, porque tinha a cara feia!...

— Gosta dos vestidos compridos? — perguntei á senhorita Praguer.

— Sim, para a noite. E ainda não estavam em uso nas festas e bailes, quando dei um recital num vestido de estylo.

— Mas o seu costume não é comprido?!

— Sim, certamente. Nem comprehendo saias compridas para a rua, nem de accôrdo com a vida moderna. Um pouco abaixo dos joelhos, e basta.

Esta, como as outras opiniões que aqui tenho publicado. Falaram todas mais ou menos do mesmo geito. Acolhem a moda, mas comprehendem, com a finura elegante que as caracteriza, que os exaggeros devem ficar nos figurinos, e a moda deve ser adaptada conforme o physico de cada uma, a idade e a hora, sem, entretanto, desobedecerem á impressão do conjuncto.

Attentando eu para a silhueta esguia de Olga:

— E as cinturas?

— Optima idéa. Cintura no logar fica muito bem, principalmente áquellas que procuram parecer maiores e mais esbeltas.

Depois, esteve ella a mostrar-me a sua collecção de "bibelots". Alguns raros, outros de exquisita concepção, e ainda os futuristas que são, aliás, bem interessantes no seu feitio grotesco. Um museu em miniatura. E ainda soube do gosto da encantadora creaturinha pelos livros de valor a que carinhosamente procura vestir com as melhores encadernações. Collecciona retratos. E na carreira que escolheu, no meio em que vive, é natural que seleccione as photographias de artistas, a que não faltam dedicatorias desvanecedoras. Lá estão: as de Gabriella Bezansoni Lage, Claudia Muzio, Bidú Sayão, Elpidio Pereira, e outros mais, e tantas que seria difficil, num lance de vista, gravar na memoria. Tambem Olga Praguer collecciona taes photographias, escrevendo acima o trecho de aria ou de musica que mais a impressionou ao ouvir o artista de quem colhe a assignatura. E' um modo curioso de formar uma galeria.

A manhã passára-se assim, num ambiente em que a graça juvenil de Olga Praguer dá á alegria radiante, que lá fóra o sol radioso distribuia perdulario pela cidade inteira.

ALBA DE MELLO

OLGA PRAGUER NO SEU JARDIM E NUM RECANTO DA SALA DE ESTUDO COM O SEU VIOLÃO

Baile no Club de Regatas Gragoatá em Nictheroy

O festival da Amea, domingo passado, no stadium do Fluminense em beneficio dos clubs da 2ª divisão.

Vasco: Waldemar; Zé Manoel e China; Tinoco, Fausto e Nesi; Bahiano, Paes, Gallego, Mattos e Badú, vencedores.

Combinado: Amado; Sylvio e Zé Luiz; Hermogenes, Zezé e Claudionor; Tinduca, Doca, Gradin, Bahiano e Theophilo, vencidos.

Baile no Tijuca Tennis Club

NA varanda de madeira, entre as trepadeiras cahidas e cheias de lama da borrasca da noite, jaziam esta manhã, como petalas de uma papoula desfolhada, duas borboletas verde e rosa. Viviam ainda quando as toquei. Um pequeno espasmo dobrava as patas frageis sobre o velludo precioso do thorax. Uma morreu logo, a outra prolongou alguns minutos a vibração das antennas pulmonaes, o tremor de flor electrizada...

Deixo-as lá, na varanda de madeira. Assim que voltar as costas, os passaros virão, e não encontrarei mais que oito azas espatifadas... Devem ter lutado contra o outomno, essas friorentas borboletas pintadas de rosa. Quantas vezes não procuraram um abrigo junto da chaminé, que sóbe, da minha casa?

Do alto da janella, vejo seccar, cada dia, todos os jardins deste recanto de Passy. O meu perde o seu tecto de folhagem, e que resta do triplo arco de roseiras? Um ferro enferrujado e enrolado de hastes nuas. . E o que eu chamava de *parque do visinho,* onde riam e corriam creanças invisiveis não é mais que um quadrado, com massiços de arvores sem folhas, rodeadas de muros altos e tristes.

A vida amavel e provinciana, que se vive aqui no verão, abandona os jardins e encerra-se, como se tivesse medo, atraz das janellas fechadas. Embora o sol volte, não apparecerão mais, recostadas nas cadeiras de palha, as raparigas de vestidos claros e cabellos brilhantes, que eu adivinhava entre os galhos.

Sentia-as viver, pertinho, junto da cortina de folhas. Ouvia o ruido, na mesa de ferro, das tesouras de bordar, o dedal rolar sobre a areia, e as paginas amassadas de uma revista... Um rumor alegre de colheres e de taças. dizia-me que eram cinco horas e eu bocejava de fome... Acho apenas, em torno de mim, os restos de um longo verão: uma rêde vasia oscilla ao vento, a rã do lago engole com avidez a chuva. Sob as arvores desfolhadas, estiram-se as alamedas sem mysterio, e os muros desnudos mostram os limites dos nossos paraizos parcamente medidos...

Tenho medo de descobrir, agora que a rapariga vestida de rosa, a esbelta jardineira, que podava as roseiras do outro lado da grade, é feia... Quero continuar sem saber, até ao proximo desabrochar das flores, si o casal unido, cuja caminhada lenta eu escutava, duas vezes por dia, é moço ou velho...

As tres creanças que cantam nos degráos da casa da senhora de luto, param bruscamente, si as ólho. Incommodo-as. No emtanto, não ignoravam que durante o verão eu estava aqui, não sei qual dellas gritava: *Obrigada!*

C O L E T T E

Desenhos de Jacques Nam

quando eu atirava, atravez dos galhos de accacia aparados, uma bóla desviada...

Incommodo-as, agora, e ellas me estorvam. Não ousarei mais atravessar o jardim vestida com um kimono e os cabellos ainda humidos...

A casa, a lampada, um ramo de dalhias côr de sangue negro, os livros, as almofadas, as tardes curtas, as noites longas.. Vamos! E' hora de recolher. Sobre os muros e a ardosia ainda aquecida dos tectos, apparecem, caudas em pennacho, orelhas circumspectas, patas cuidadosas, olhos arrogantes, os novos donos dos nossos jardins, — os gatos.

Um grande gato preto guarda constantemente o telhado do canil vasio, e a noite serena, azul, de um nevoeiro immovel que cheira á fumaça de madeira verde e á horta, povôa-se de pequenos fantasmas de velludo.

O gato persa, atirado como uma "écharpe" de marabout na minha janella, estira-se e canta, em honra da sua gata que cochilla, em baixo, diante da cozinha. Canta, á parte, á meia-voz, e parece despertado de um somno de seis mezes... Sorve o vento lentamente, a cabeça para traz, e não está longe o dia em que a minha casa vae perder o seu ornamento; os dois hospedes fieis e magnificos, os meus angorás prateados como a folha de salva avelludada e do alamo cinza, como a teia de aranha orvalhada, como a flor desabrochando no salgueiro...

Já recusam comer no mesmo prato. Ostentam as suas galas, um para o outro, como para o unico prazer de se tornarem irreconheciveis.

Sob um raio pallido de lua, elles partirão, não mais fraternaes, companheiros de somno e de divertimento, mais inimigos apaixonados que o amor mascára...

VIDAS PARALLELAS

DESENHO DE J. CARLOS

DEPOIS de ter pensado muito tempo, Julio decidiu expor o problema á sua mulher.

Estavam os dois sentados na sala de jantar. Julio disse:

— Porque havemos de continuar com essa comedia que ambos estamos representando?

O amor, Rachel, já terminou entre nós. Nós o sabemos, e por falta de valentia moral, não nos atrevemos a confessal-o.

Para que continuarmos num estado de cousas, que só a nossa fraqueza faz subsistir?

A separação se impede, hoje, que não somos inimigos. Amanhã o teriamos que fazer, e ficariamos para sempre com o sabor do nosso odio.

Rachel levantára os grandes olhos da revista que lia e os fixava, surprêsa, no marido.

Nunca o ouviro falar com tanta sinceridade.

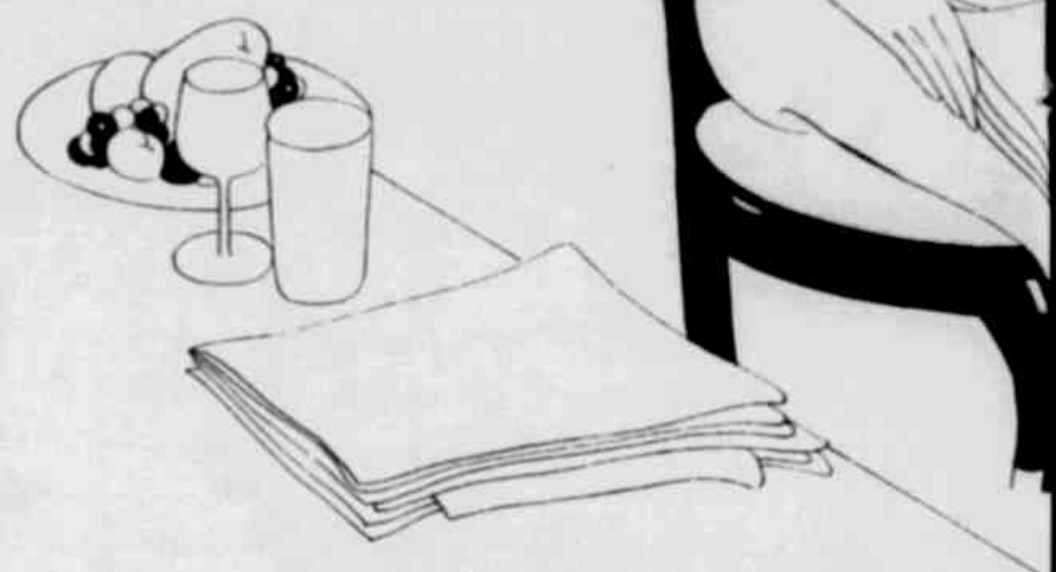
Sentiu que alguma cousa se erguia no seu coração, e que ia protestar com palavras de despeito, mas teve mais uma vez dominio sobre si mesma, e apparentou serenidade.

Depois, com voz calma, e procurando vestir as suas palavras de indifferença, disse: — Talvez tenhas razão. O amor morre, como todas as cousas, e nada mais triste que dois sêres arrastando, ao longo da vida, o pêso de uma paixão morta.

Nós nos separaremos, si assim o desejas, e posso te affirmar que, quando eu ficar só, a minha consciencia não me accusará. A tua indifferença fez nascer a minha, talvez mais brusca porque nós, as mulheres, pomos maior intensidade nas cousas.

Ao principio, estiveste sempre a meu lado, quando a tua paixão estava na curva ascensional. Depois pretextaste negocios e affazeres; lentamente, foste me abandonando, até fazeres nascer o tédio em minh'alma.

Julio, assombrado, olhava para a mulher. Parecia impossivel que ella o culpasse da monotonia de suas vidas.

Julio Rey casára-se, profundamente apaixonado por sua mulher.

Como todos os que assim procedem, vira na mulher um conjuncto de perfeições. Depois, o tempo fôra reduzindo tudo ás justas proporções que a realidade admitte.

A paixão que sentira pela esposa esfriára, mas continuava amando-a, com um affecto sereno.

Em seguida, ella, envenenada por certas leituras, adoptára a tactica da indifferença, com o desejo de excitar o seu amor-propric, deante daquelle amor que declinava.

Ao principio, Julio attribuiu isso a alguma nevrose e não deu importancia ás phrases glaciaes de sua mulher. Mas, á medida que passava o tempo e que essa attitude não se modificava, Julio Rey comprehendeu, com infinita amargura que nunca chegariam a se entender.

Conto de Eduardo Ramírez

Traducção de Aneleh

Primeiro, intentou, carinhosamente uma communhão espiritual com a esposa; depois, ao se convencer de que o mal era chronico, passou a ser um extranho, dentro da sua propria casa.

Muitas vezes, teve a tentação de ir ao encontro da esposa e fundir, ao calôr desse carinho de mulher, o gelo que os separava, mas se continha, devido ao seu orgulho, porque queria dominar e não ser dominado.

Julio Rey vira isto, logo depois de casado; e, si no começo, ferira-o no seu amor-proprio, agora, depois de cercar Rachel de indifferença, tinha-o então completamente sem cuidado.

Levava a mesma vida que quando solteiro, parecendo estar muito alegre e satisfeito com a sua existencia.

Agóra, expuzéra o problema á mulher, com o desejo de ficar mais só, sem ter que supportar mais tempo um lar em que elle era um intruso.

Separaram-se sem uma recriminação, sem um gesto. Tomaram caminhos differentes, atravez da vida. Julio Rey foi mandado pela casa onde trabalhava, para organizar em Londres uma filial.

Andou por lá dois annos, durante os quaes só teve noticias de Rachel, quando o advogado lhe communicou que o divorcio fôra concedido.

Ser livre era para elle um meio de conquistar a felicidade, cara a cara.

Mais tarde, por amigos que chegaram, soube que Rachel tornára a se casar, não parecendo ser muito feliz no seu novo matrimonio. Julio Rey regressou á sua patria, optimista e com desejos de recomeçar a vida.

Varias vezes encontrou Rachel, acompanhada de seu novo marido.

Os seus olhos se encontraram, e Julio julgou vêr nelles a mesma ternura dos tempos pos de noivos.

Sem saber como, aquelle olhar começava a lisonjear-lhe a vaidade.

No começo, fôra-lhe indifferente; agora, tornava-o a preoccupar aquella ternura que presentia nos olhos de Rachel, e que não conhecêra depois de se casar com ella.

Foi o destino? Foi o accaso? Foi esse diabinho ironico que se diverte em brincar com as nossas vidas.

Não sei. O certo é que Rachel ficou viuva, e Julio, lentamente tornou a se apaixonar por aquella que em outros tempos não o soubera comprehender.

Uma tarde se encontraram. Quizeram — com o amor-proprio a palpitar-lhes n'alma — fingir banalidade e indifferença. Mas os seus corações não puderam mentir muito. Tornava a nascer o amor antigo, esse amor que o orgulho de Rachel arrefecera.

— Que extranho destino torna a unir as nossas vidas, impellindo-nos um para o outro? — disse Rey.

— Esse destino, Julio, é o dedo de Deus a nos indicar o caminho que as nossas almas têm de percorrer juntas. Nossa vontade nada póde contra Elle. Como poderemos, nós, pobres mortaes, lutar contra alguma cousa que, por estar tão alta, não chegamos a comprehender?

Um falso orgulho da minha parte me separou de ti. Hoje, curada dessa altivez ridicula, o destino torna a nos reunir. Nossas vidas recuperam o rythmo que tinham, e talvez fosse necessaria essa separação para que se comprehendessem, porque as cousas só tomam valôr, quando julgamos perdêl-as.

Um anno depois, deante do assombro de todos os seus amigos, Rachel e Julio tornavam a se casar.

Notas Dum "Fan"

Por Sebastião Fernandes

NORMA SHEARER

QUANDO entro no cinema gosto de ver a fita começada. Nada melhor do que a gente descobrir um enredo. As fitas contadas do primeiro acto são sempre mais mediocres.

Todo galan é obrigado a vestir bem e ser bonito...

Murnau é tão corajoso que em FAUSTO botou aquella figura de padre agitando uma cruz contra a peste e morrendo empestado!

Muita gente, muita mesmo, antes de vęr a fita, lê o programma para saber o enredo.

Gosto mais das fitas allemães porque não acabam no indefectivel casamento.

Gloria Swanson é a mais estupida das actrizes americanas. Quando ella trabalha, julga que vae representar e veste-se ricamente.

Chaplin quando apparece sem o bigode, as botinas velhas ou *frack* parece um homem vulgar.

Norma Talmadge foi uma velhota que se voronoffizou.

Rin-tim-tim é o desejo do dono que está representando de quatro.

O Pathé-jornal é aquillo que o telegramma não póde photographar.

Você ainda não se apanhou deante do espelho fazendo careta, crente de que é photogenico?

George Bancroft é um vulgar peso-pesado que engordou.

John Gilbert e Greta Garbo são os mais immoraes dos artistas yankees.

O beijo no final das pelliculas é a chave de ouro dos sonetos de pé quebrado.

Cecil B. De Mille jogou tanta agua na ARCA DE NOE' só para mostrar que naquelle tempo já existia banheiro de luxo...

Collen Moore é a maluquice que os directores impingem com o nome de arte cinematographica.

Sempre que as lampadas accendem inesperadamente, os espectadores, que estão perto de algumas cavalheiras, tomam a posição do fio a prumo.

Os dectetives das pentalas têm caras mais patibulares do que os proprios bandidos.

Dolores del Rio é a ultima tuberculosa do cinema americano.

O villão de hoje não é mais um homem de bigode, nem tão pouco parecido com os mexicanos. O villão hoje é muitas vezes um regenerado que se casa no quinto acto!

Emil Jennings e John Barrymore vivem apostando qual dos dois é o mais careteiro...

Quando vejo Clara Bow, me lembro que Francesca Bertini já foi idolo...

Só Abbadie D'Arrast soube collocar aquella melindrosa retocando o carmim labio, sentada numa sepultura...

Harold Lloyd é tão sem graça que ri sempre antes do espectador como mostrando o caminho...

Ninguem teve a coragem de Eric Von Strohein fazendo em OURO E MALDIÇÃO um dentista beijar a bocca suja de sangue da cliente após a extracção dum dente!

Todas as crianças sabem que são mentiras aquellas quédas horrendas dos *cow-boys*...

Adolphe Menjou é um velhote que sempre casa no final do ultimo acto...

Corinne Griffith está sempre de bocca aberta para mostrar os dentes postiços.

Douglas Fairbanks é o bobo-alegre.

Lon Chaney é o ultimo annuncio da casa que vende olhos de vidro, muletas e pernas de pau e apparelhos orthopedicos.

Pola Negri é uma velha que consegue ter sempre cabellos pretos.

Prefiro as pantomimas de circo de terceira classe a todas as fitas historicas americanas.

Quem foi mesmo William Farnum, hein?

Nenhuma figura americana de Hollywood tem o valor dum Eric Von Strohein, Laubistch, Charles Chaplin, Murnau, Paul Leni ou Stenberg, todos europeus! Afinal o americano entra com o machinismo...

Nos 4 *Diabos*, aquelle espinho é tudo...

A immoralidade das pernas desappareceu com as fitas de Mac. Sennett.

O filho de Douglas Fairbanks é sempre o filho de Douglas Fairbanks...

A *Cabana do Pae Thomaz* é igualzinha a todos os *Guaranys* da cinematographia indigena. *Burro* successo de bilheteria...

O enthusiasmo americano pelos *talkies* e a synchronização de todas as operas e operetas é a verdadeira *dollarização* de uma arte que elles não estavam á altura de immortalizar: *a arte do silencio*.

As mulheres bonitas deste mundo

Em Cannes, a linda cidade do sul da França, as misses européas foram passar uns dias depois do concurso de Paris. Ahi estão ellas, floridas e com frio. No centro do grupo, dentro de um costume de inverno elegantissimo, Miss Europa, belleza grega, olha o chão e pensa no calor do Rio de Janeiro.

Em baixo, de "maillot", a senhorita Desfosses, que tem 17 annos, é de descendencia franceza, foi educada num convento, e já ganhou quatro premios de belleza. Agóra é Miss Hampshire, representante do seu Estado natal, no concurso de Miami para a escolha da Namorada da America.

Bellezas da America

Miss Zona do Canal (o canal não é este, e a zona é outra), senhorita Mary Dean; Miss Equador, senhorita Sara Chacon; Miss Bolivia, senhorita Rosa Pizarro; Miss Perú, senhorita Emma Mc Bride; Miss Chile, senhorita Violeta Gomez Bricento. Em baixo: o golfista internacional Johnnie Farrell ensinando a seis misses norte-americanas como é que se ganha uma partida.

As mais bonitas de São Paulo no concurso d' "A Gazeta", o grande vespertino da capital

Senhorita Maria Guimarães, de Villa Marianna

Senhorita Aurea Gomes Silva, de Ypiranga

Senhorita Ogarita Vianna, de Perdizes

Senhorita Dulce Lepage, de Consolação

Qual dellas vae ser Mis

MONUMENTO DO Y

Senhorita Neyde Xavier da Silva, de Santa Ephygenia.

Em baixo: Senhorita Virginia Negrão Martins, de Jardim America.

Senhorita Saphyra Brolhe, de Liberdade.

Senhorita Lavinia de Bar

...er Miss São Paulo?

...DO YPIRANGA

Senhorita Euphemia de Almeida, de Sant'Anna.

Em baixo: Senhorita Carmen Neves, de Moóca.

Senhorita Figueiredo, de Cambucy.

...ros, de Jardim America.

As mais bonitas de São Paulo no concurso d' "A Gazeta"

Photos M. Rosenfeld

Senhorita Henedina Orolhe, de Liberdade

Em cima, recortada: Senhorita Alvina Traub, de Bella Vista.

No medalhão: Senhorita Ida Zervolina, de Cantareira.

Em baixo, recortada: Senhorita Diva Rigon, de Santa Ephygenia.

De João da Avenida

Reminiscencias...

Tenho ainda nos olhos e no pensamento aquella noite memoravel do "Palace Hotel" com a Tarsila, Oswaldo, Eugenia e Alvaro Moreyra, o gordinho sinistro Schmidt, a Pagú, etc. A pagina tantas quando o enthusiasmo ia em meio, surgiu Altino Arantes com Claudio de Souza. Estou a vel-os, muito espantados, procurando adivinhar o pensamento de cada um dos modernistas presentes. Pagú, que Deus haja, fazia phrases sublimes decoradas das chronicas de Camille Mauclair, emquanto desengonçava as pernas e esmigalhava num canto do labio um sorriso muito descarado e muito sem graça. Era a grande attracção que Oswaldo trouxera de São Paulo para nos "épater". Pobre professora publica! Chegaste a pensar na gloria... Eu mesmo desfolhei um punhado de palavras romanticas a teus pés, que iam "gantés" nos sapatos da Tarsila. Que é feito de ti, Pagú? Foste tambem na enxurrada da crise do café, ou estarás ensinando cousas feias aos italianotes da tua escola no Braz? Eras positivamente uma creatura sem interesse, mas tuas pestanas postiças e os teus braços, exaggeradamente compridos, despertavam em mim qualquer cousa que ia além do ridiculo. Dolorosa mania que tenho de gostar das cousas sem graça! Desde pequeno sou assim. Os brinquedos que mais me encantavam eram justamente os mutilados. Tu não eras propriamente mutilada mas eras feia. Feia não, — horrivel... Completavas, se não me engano, muitas primaveras naquella noite. Eram tantas que a gente custava a contal-as nos dedos. Eu com pena de ti, que envelhecias deante dos olhos de toda gente e á luz de todas as lampadas, fui postar-me num canto, visivelmente acabrunhada, até que o "gordinho sinistro" quebrou a tristeza ambiente com uma quadra genial:

Hoje, dia dos seus annos
Que tantas venturas tens,
Receba, vossa excellencia,
Effusivos parabens...

A sala explodiu.

Lembras-te, Pagú? A tua agonia foi tanta, os teus olhos se commoveram de tal maneira, que as pestanas te cahiram e appareceste deante de toda a gente como uma creatura no banho de mar, no momento de sentir que o calção lhe cahiu aos pés. Com os olhos nús, eras a imagem da dôr ridicula. Eu acho que foi por isso que nunca mais me esqueci da tua cara de mascara de comedia.

Senhorita Blanche Schoueri, pianista sensibilissima, diz versos encantadoramente e é uma das creaturas mais lindas de São Paulo. Instantaneo apanhado durante o corso da Avenida Carlos de Campos, no domingo de Carnaval.

Intrigas Sociaes

Não me interessa o que se diz. Na sociedade
A cada passo, emtanto, a gente encontra alguem
Cujo goso consiste em faltar á verdade
E falar mal quando o indicado é falar bem.

"Fulano divorciou-se... Alta sagacidade:
Poz a rêde e pescou o homem que lhe convém.
O marido nem deu por isso... que elle tem
Uma muito melhor e de menor edade..."

E o ferino e cruel disse-não-disse vôa...
Ao sabor da má lingua a mais nobre pessôa
Soffre a injustiça do "potin" que se espalhou.

A proposito, alguem contava na Avenida:
— Fulana diz que eu sou uma mulher perdida
E eu perdida não sou porque um homem me achou.

Os livros no Brasil têm quasi sempre um destino rapido. Tão rapido que o publico nem vê. Os autores são conhecidos. A gente sabe o nome delles. Mas ignóra o que foi que elles escreveram. Saem algumas noticias nos jornaes. Mas nos mesmos numeros saem noticias mais agradaveis: assassinatos, eleições, incendios, o jogo do Vasco, a Prefeitura sem dinheiro, outra entrevista do senhor Borges de Medeiros, etc., etc., coisas que empólgam. Os criticos criticam em dias certos, exactamente nos dias em que a gente não consegue tempo para lêr os jornaes. Por isso, creaturas como Claudio de Souza, eu acho que são phenomenos. Os livros de Claudio de Souza nascem, vivem, provocam discussões, recebem elogios, recebem descomposturas, exgottam tiragens sobre tiragens. Com as comedias impréssas em volume, o caso se explica: a publicidade vinha feita do palco. Mas aconteceu o mesmo com o romance "Pater", com a novella "Conversão", com as narrativas da viagem "De Paris ao Oriente", o mesmo anda acontecendo com "As mulheres fataes". Um brasileiro que escreve e é lido! Está fóra da natureza! Principalmente porque escreve bem. O exito de Claudio de Souza surge talvez de elle ser autor theatral. Elle enscena os seus livros, dá-lhes dialogos verdadeiros, descripções em poucas palavras que fórmam ambientes, anima personagens que falam e se mexem, humanizados. Conta. Mostra. Numa lingua que só pecca pelo exaggero da pureza, faz o milagre de escrever sem que se sinta, de crear realidades com poesia, commoção, banindo toda a literatura. "De Paris ao Oriente" são palestras de um viajante intelligente, são cartas aos amigos. "As mulheres fataes", numa angustia que de instante a instante cresce, até rebentar na lembrança da phrase de tia Custodia, todas essas paginas dolorosas. Claudio de Souza as apresenta ao geito de um manuscripto, o manuscripto de Germano de Oliveira:

"Varei a noite a lel-o, tão vivo é o seu impressionismo descriptivo, tão minuciosa a analyse, e tão palpavel o supplicio. Não lhe accrescentei linha ou ponto, e aqui o transcrevo, sem mesmo omittir as passagens mais asperas, porque, certamente, tratando-se de documento em que a sciencia fala mais que a arte, nenhum leitor se escandalizará ou acoimará de licenciosa a obra."

E eis ahi, com certeza, na verdade, na sinceridade sem enfeite, o motivo da gente gostar dos livros de Claudio de Souza. — A...

CLAUDIO DE SOUZA que acaba de publicar "As mulheres fataes"

NO RESTAURANTE DO FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

O almoço que os calouros da Escola Polytechnica pagaram aos seus veteranos.

O Peregrino de Lourdes Silenciosa

Assim, numa tarde de inverno, que vagueio feliz pelas ruas de Lourdes.. Ruas silenciosas, quasi desertas. No começo de novembro as ultimas peregrinações voltaram — comboios de doentes, de paralyticos, de cégo num tumulto tragico de gemidos e de orações ansiosas. Agora, já não ha muletas. Já não ha mendigos. Os hoteis fecham-se. As lojas, inutilmente abertas, mostram vitrinas cheias de imagens, de livros e de lembranças. Na praça Monsenhor Laurence, no canto da Rua da Grota e da rua S. José, perto do caminho do Calvario e da Basilica, esta pobre velha encarquilhada, mercadora de cirios, não tem freguezes: e, ao sol frouxo, entanguida de frio, faz meia para matar o tempo.

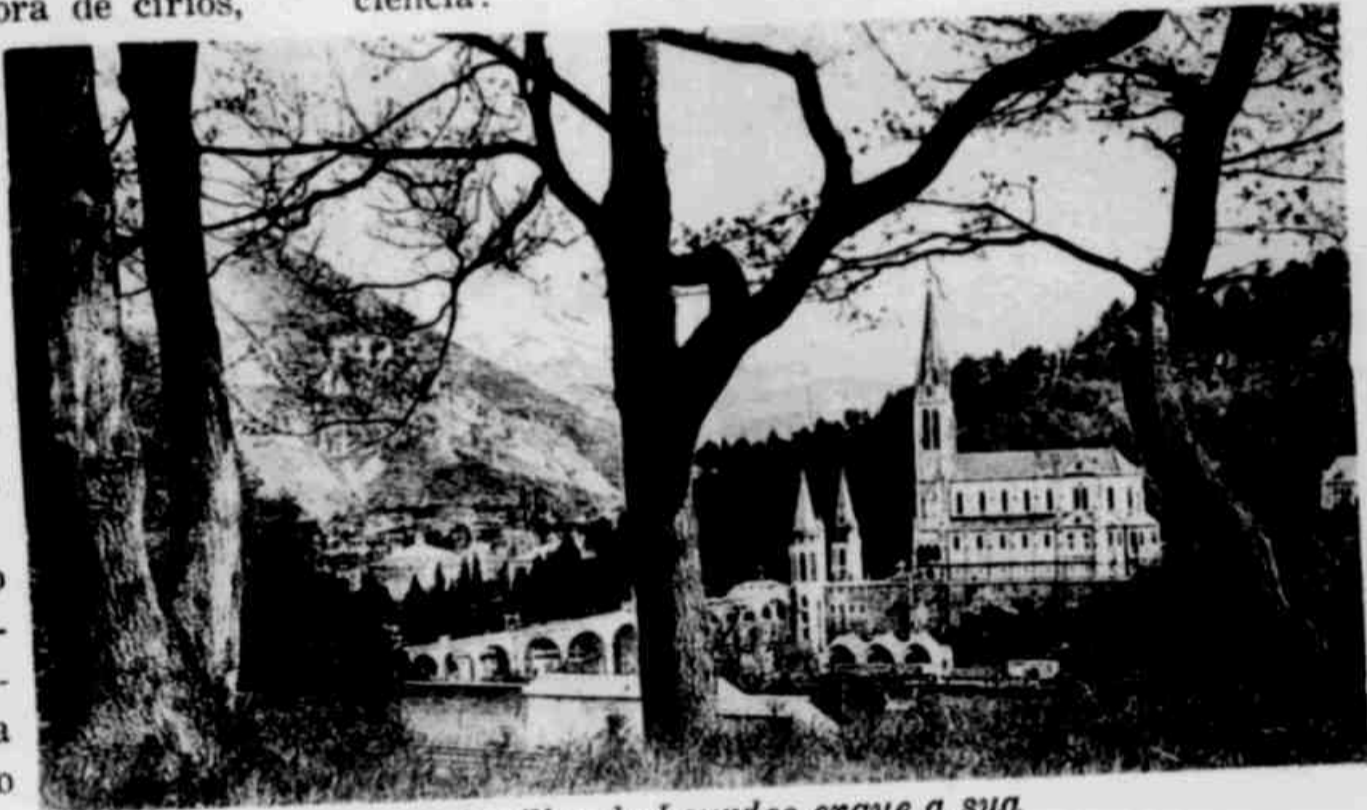
Lourdes! Respiro uma bemaventurança esparsa. As montanhas que me cercam me isolam do mundo. Nunca me senti tão dentro de mim mesmo. A missa a que assisti esta manhã, na Crypta, parece ter sido dita por um fantasma. Na sombra, raros fieis sussuravam, olhos fixos na imagem. Sonhei?

Vou, vagarosamente, entre as fachadas quietas, recolhendo nos nervos a doçura que me cerca. Toda a cidade repousa. Nossa Senhora de Lourdes tambem repousa, terminou a tarefa do anno. Retoma forças para o anno proximo — porque, nos quatro cantos da terra, já as peregrinações de Maio se preparam; muitos corpos, fatigados de um soffrimento sem medicina, não vivem senão para a grande aventura da esperança, ao longo das distancias, no desconforto das travessias e dos trens nocturnos.

— Em Lourdes eu saro...

Este anno, como nos outros, Lourdes viu os seus milhares de enfermos. Os milagres da gruta puzeram em extase os peregrinos. A piscina sagrada refrescou chagas, alentou ruinas, reanimou braços immoveis.

Sob os rochedos em que a Virgem apparecia a Bernardette Soubirous, tysicos estiveram fazendo um mystico repouso, tossindo no lenço para não perturbar a contemplação dos paralyticos, de olhos postos nas cinturas de gesso e nas muletas votivas, da gratidão anonyma.

Agora, Lourdes é como qualquer logarejo de provincia: tem somno. As ruas mortas dão a sensação de que ella faz o seu exame de consciencia.

...a basilica de Lourdes ergue a sua torre branca, pastora de milagres...

— Cumpri bem com o meu dever? Quantas esperanças premiei? Quantas almas enchi de recompensa? Quantos incredulos converti?

Em torno, as muralhas dos Pyrineus.

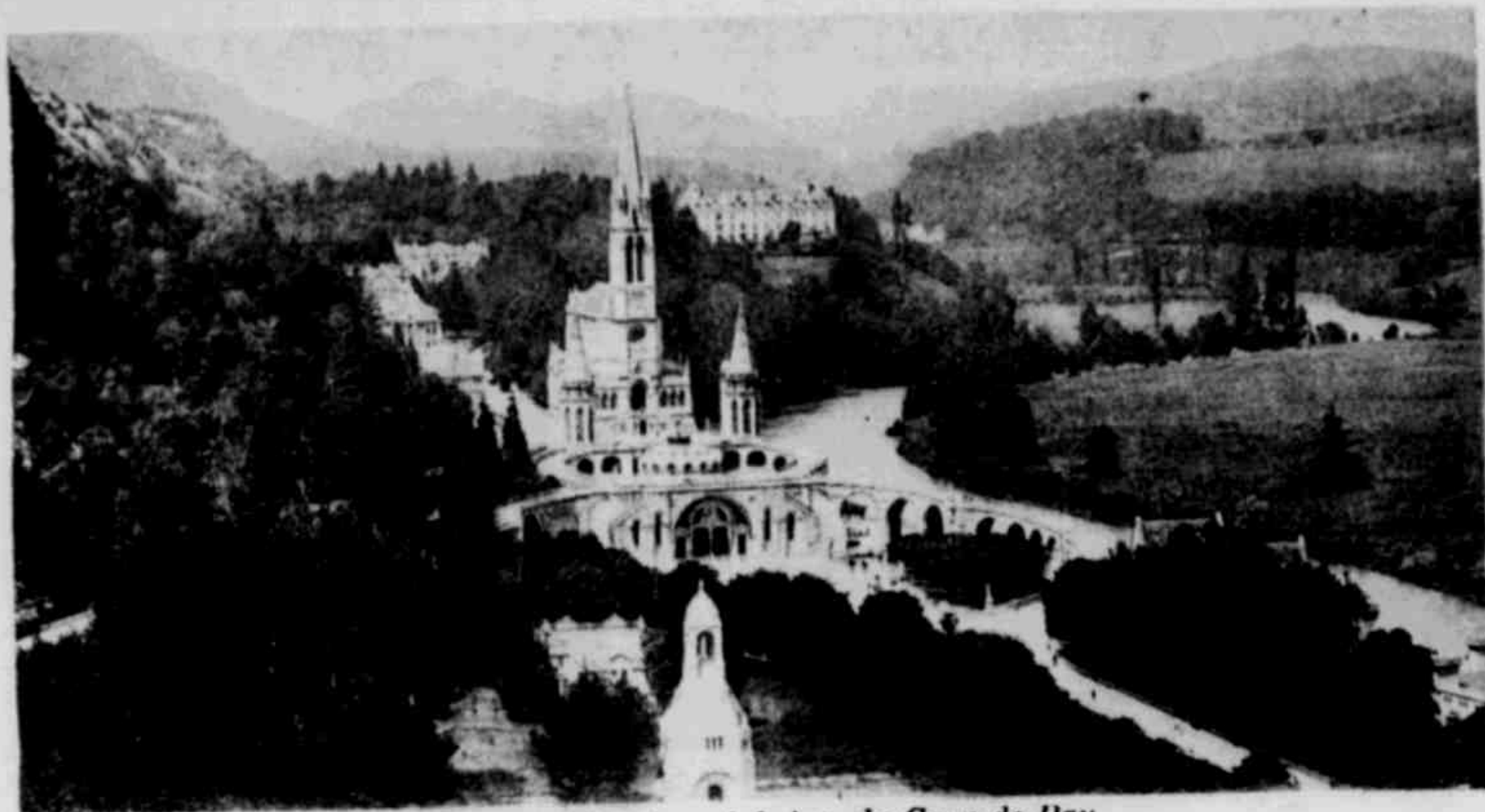
Aldeias brancas perdem-se na verdura fria, como ovelhas tresmalhadas. Distantes, os picos nevados, para os lados da Hespanha, como um collar branco na paisagem. Severamente, no alto de um morro, o Castello Forte, surgindo de um dedalo de ruas estreitas, domina a cidade.

As aguas limpidas da Gave de Pau arrastam o olhar... Para onde vão ellas? Lá está, na direcção dos olhos, a flecha esguia da Basilica. A Basilica, entre o rio e o Monte do Calvario, se esconde ao fundo do parque das procissões. Na outra margem do rio, pelas encostas mansas em que passem vaccas, muros de palacetes e chacaras animam de côres claras os horizontes.

Anoitece. Uns tons azues, desmaiados, que insistiam do lado do poente, são agora quasi roxos. O sol sumiu atraz dos montes.

As neves eternas, dos picos remotos, não faiscam mais. Lourdes está mais triste. Tem mais somno.

Errei o caminho. Vim acompanhando a Gave de Pau, olhando o jogo das espumas nas pedras do fundo. Distrahi-me, depois, invejando a camponeza que recolhe as vaccas, pelas ruas, sem que umas crianças, vindas da escola, se escondam com medo. As vaccas passam, pesadas, sacudindo o bom leite bearnez nas têtas gordas... Errei o caminho. Da avenida Peyramale, que acompanha o rio, entrei pela rua Massabielle. Adoro seguir uma rua por causa do nome. Massabielle. E' sonóro, convidativo. Hoteis, hoteis, hoteis. Todos fechados. A rua Massabielle vae terminar no Monte do Calvario.

Emfim, estou de novo no Pont Vieux. Passo pelo convento das Clarisses. Sigo a rua da Grota, com seu ar imponente de rua principal, suas lojas de vitrina illuminada, seus vendedores de rosarios e de gravuras piedosas, seus pasteleiros, suas hospedarias. Impressionam-me, pelo mixto de malicia commercial e lyrismo catholico, os nomes pintados nas fachadas: "Bazar de la Croix Dorée", "Au rosaire de Marie", "Hotel du Vatican", "Au Voeu National", "A l'Immaculée Conception". Quizera guardar todos estes nomes, reproduzil-os em fila, na dispo-

Entre os morros risonhos, á beira da Gave de Pau...

sição vertical de um poema. Ha livros inteiros que não nos deixam na alma uma impressão tão deliciosa como uma taboleta assim: "Au Pont Vieux", "Au rosaire des miracles", "Au cierge de Sainte Claire"... A poesia do commercio, na atmosphera monastica de Lourdes no inverno, penetra fundo o meu ser.

Entro numa desses bazares vazios que exhibem mostruarios cheios de objectos coloridos: porta-retratos, bolsas, rosarios, braceletes, medalhas, canetas, imagens, collecções de postaes, vistas de Lourdes. Bato palmas, entre os balcões desertos. A velha lojista, que estava lá dentro cuidando das arrumações caseiras, apparece com um pince-nez na ponta do nariz, os olhos por cima, obliquos.

Falamos um pouco do frio, do aspecto abandonado de Lourdes, do silencio das ruas. E os negocios...

— Poucos negocios?

— Naturalmente. Que se ha de fazer? Agora, temos que esperar a época. E' do officio.

Compro-lhe umas lembranças. Na verdade, a verdadeira lembrança de Lourdes não são essas que eu tomo das mãos de velha lojista.

Ellas vão aqui dentro, commigo.

Saio de novo, antes que a noite tenha enchido de sombras e lampadas electricas esta quietude amoravel, este silencio da cidade, ao entardecer.

Longe, um apito de trem.

...que o Chateau Vieux parece guardar...

...abençôa esses santos logares em que a Immaculada Conceição, a 11 de Fevereiro de 1858, ás duas horas da tarde, appareceu pela primeira vez a Bernardette Soubirous, sob a forma de uma mulher toda de branco, muito linda, dentro da gruta de Massabielle.

Umas moças que passam, enroladas em manteaux, olham-me espantadas. Que faz esse homem em Lourdes, numa tarde de inverno? Somem numa esquina, apressadinhas.

Outro apito de trem. No emtanto, nenhum agente de hotel se apressa. Nos raros hoteis ainda abertos, no bairro da estação · para uma clientela esquiva de caixeiros-viajantes — a moça da caixa, bocejando, lê um romance, aberto sobre o livro de contabilidade.

O frio está mais intenso. A temperatura cáe rapida. Penso na agua gelada da piscina, na agua da fonte dos milagres, no ambiente humido da gruta de Bernardette... Sinto-me, de repente, cheio de duvidas. Teria coragem de banhar-me naquellas aguas, por um tempo destes? Concluo desesperado pelo falta de fé. Insisto perante a minha consciencia nesse desafio. Serias capaz? Serias capaz, anda?

Envergonhado de mim mesmo, vou pelas ruas de Lourdes — emquanto os primeiros lampeões se accendem — sem saber si a alma, que esta manhã estava tão feliz na missa da crypta, é uma alma temente a Deus ou uma preza vulgar da impiedade. — Que idiota! Outra voz murmura. Sinto de novo uma extrema conformação. Tudo me é grato em torno. Nunca esperei de Lourdes,

(*Termina no fim do numero*)

GLORIA,
filha do
casal Plinio Britto,
São Paulo
(Photo M. Rosenfeld).

FERNANDO AUGUSTO,
filho do casal
Fernando Cruz
de Carvalho,
Rio.
(Photo M. Rosenfeld).

R I S O L E T T A

filha do casal Edgard Barroso

A canção do Desejo

Eu te desejo um grande mal.
Desejo que tu sejas minha, só minha,
que teus olhos só tenham luz para me vêr
e que tua bocca só tenha beijos para mim...

Se tu fosses minha soffrerias muito
porque eu te morderia os braços
– essas columnas de nevē –
para te vêr chorar...

Eu te morderia toda
porque tua carne
deve ter o gosto das tamaras maduras...

Teus hombros
– esse arco do triumpho
ficariam magoados
e roxos, como as tuas olheiras,
se tu fosses minha...

E a tua bocca
– esse escrinio de mentiras –
sangraria sempre
debaixo da minha bocca...

Se tu fosses minha,
na primeira noite do nosso amôr,
eu te apertaria nos meus braços
para te vêr morrer...

E eu morreria sobre o teu corpo de neve
beijando a tua bocca de sangue

Porque depois da noite de um grande amôr
não ha mais vida para se viver...

A. FIGUEIREDO PIMENTEL

Em cima: na Escola Polytechnica, o senhor Paulo de Frontin recebeu uma homenagem de mestres e alumnos na passagem do anniversario da Agua em 6 dias. No centro: o tenor brasileiro Camargo na tarde do seu concerto em Lima, no Collegio dos S. S. Corazones, com os directores da casa, o Encarregado de Negocios do Brasil, a senhora Vasco Leitão da Cunha, senhoras, senhoritas e cavalheiros da elite peruana.

Em baixo: antes do almoço de despedida de Mostyn R. Gardner, Engenheiro da "The Westinghouse Brake & Saxby Signal Co. Ltd.", de Londres, aos Engenheiros da Estrada de Ferro Central do Brasil e representantes daquella Companhia no Brasil. Da esquerda: sentados, Dr. Lauro Miranda, Sub-Director da 4ª Divisão; Dr. Ernani Cotrim, Consultor Technico do Ministerio da Viação; Dr. Romero Zander, Director; Mostyn R. Gardner; Dr. Demosthenes Roekert, Sub-Director da 5ª Divisão; Dr. Lysanias Cerqueira Leite, Sub-Director da 2ª Divisão; de pé, E. H. Targett; Leopoldo Calderon; Dr. Luiz Gonzaga de Figueiredo, Chefe de Signalisação; Dr. Moraes Lacerda, Chefe do Telegrapho e Illuminação; Dr. Cyro do Valle Ferro, do Gabinete do Director; Manoel de Almeida e Dr. Benjamin do Monte, Sub-Director da 1ª Divisão.

Grupo Rio Ritta, ao qual pertence Miss Bahia.

Carnaval na Bahia

Automoveis no corso da Cidade do Salvador.

NAS ILHAS DA GUANABARA

Instantaneos que Eustorgio Wanderley apanhou em Paquetá e na Ilha do Governador.

O que espero de Roulien

O actual successo de Roulien vem confirmar o que, ha muito, vinha eu affirmando. A platéa carioca anseia pelo theatro de comedia, com graça, mas com um pouco de emoção, com papeis que devam ser interpretados, com scenas que reflictam a vida, com um enredo plausivel, sem correrias, sem cabriolas, sem disparato, sem sandices. Póde-se ir a um theatro para rir, mas a creatura humana, capaz de sentir outras emoções, naturalmente as deseja, só lhe vindo a satisfação plena, se nenhuma lhe é negada.

O Rio estava, ha longo tempo, preparado para uma temporada nacional de comedia ligeira. Roulien ainda não é o ideal, porque seu repertorio pouco tem de nacional, mas o intelligente actor teve o cuidado, ao que demonstrou com "Garçon" e com o que consta do seu repertorio, de não se esquecer do merito literario dos originaes que enscena. Por isso ando eu me batendo ha annos. Não posso me convencer de que talentos de quarta ou quinta ordem, por muito perturbado que ande o mundo, possam ser preferidos, pelo publico, ás intelligencias consagradas, só porque estas não alinham baboseiras e não architectam chanchadas. Não se julgue com isso, que fecho o caminho aos autores nacionaes, forçosamente inferiores aos europeus, productos de uma velha cultura e de um ambiente mais elevado. A platéa brasileira prefirirá sempre o mediocre nosso ao bom estrangeiro. E' preciso, porém, que o confronto se dê dentro da mesma ordem de idéas, dentro do mesmo terreno. Não ha parallelo possivel entre uma pantomima e uma comedia, entre uma revista e um drama. Nosso theatro já se affirmou em uma serie interessante de producções literarias soffriveis e conheceu, mesmo, não ha muito, uma época risonha, mais do que promissora. Depois, uma acção continuada de menosprezo dos actores-empresarios pelos autores brasileiros, traduzida, principalmente, por inexplicavel preferencia pelas peças argentinas em nada superiores ás nossas, a não ser em tolices, destruiu o pouco que se tinha edificado. Ha, agora, que recomeçar.

Roulien deve esforçar-se, nesse sentido. Conseguiu já bastante, chamando a attenção para os seus espectaculos e fazendo ver que cumpre um programma, explora o genero por que o publico andava ansioso. Aprimore, mais, a representação, e apoie o movimento iniciado na nacionalização do seu repertorio, não adaptando peças inadaptaveis, mas concitando nossos autores a escrever, a produzir, dando-lhes a certeza de que suas comedias serão levadas á scena. Fará, dessa maneira, obra de maior projecção do que a simples realização de interessantes espectaculos, com o simples fito do lucro commercial, como ha tanto tempo vem sendo moda, como se não fosse possivel conciliar os dois interesses.

M A R I O   N U N E S

O querido cantor Francisco Alves (Chico Viola), que realiza em a noite de 10 do corrente, ás 8 e 3|4 horas, no Theatro Republica, a "Noite Brasileira", com o concurso dos artistas Rogerio Guimarães, João Pernambuco, Luperce Miranda, Nelson Alves, Ernesto Santos, Gastão Formenti, Patricio Teixeira, Glauco Vianna e Orchestra "Pan-American".

Enlaces

Em cima, á esquerda: Lucinda Barbosa Pereira — José Gonçalves Neves; á direita: Maria Pinto Duarte — Antonio Pereira Lima. No centro: o novo casal com a sua côrte de nupcias. Em baixo: a senhora José Gonçalves Neves com suas "demoiselles d'honneur".

MUSICA

NA nossa penultima chronica, aqui transcrevemos algumas noticias referentes a artistas brasileiros que se acham na Europa.

Hoje voltamos ao assumpto, para registrar o extraordinario successo que acaba de obter em Leipsig, Allemanha, onde se acha, a já notavel pianista patricia Ophelia Nascimento, sobre cujo formidavel talento, ha cerca de um anno aqui mesmo nos expressámos com o mais sincero enthusiasmo. O *Leipziger Neueste Nachrichten*, assim se manifestou:

"Entre as partes do programma rezervados ás peças de orchestra, apresentou-se a pianista brasileira Ophelia Nascimento, executando a velha composição "Variações Symphonicas", de César Franck. Tudo o que se póde exigir em belleza e redondeza de som em brilhantismo de technica e em perfeição e sonoridade nas passagens de accordes, soube a joven e tálentosa pianista reproduzir de um modo assombroso perante o auditorio, como um fogo de vistas grandioso, que enthusiasma e deslumbra. Nas partes lyricas da composição, mostrou ella possuir um sentimento inteiro, natural, e uma intuição musical pouco vulgar, fazendo reviver uma obra que, apesar de muito batida, ainda aquece o publico e origina grandes manifestações de enthusiasmo, como as que foram feitas á joven pianista, tanto no concerto da manhã, como no da noite. ovações que a obrigaram a tocar diversas peças fóra do programma".

O *Leipsig Abendpost*, a proposito desse mesmo concerto, escreveu: "Egual delicia nos proporcionou a pianista Ophelia Nascimento, a eximia discipula de Paner, na interpretação da peça por ella escolhida. Num dos concertos symphonicos do inverno passado, emprehendeu ella o primeiro vôo, mas não um vôo de Icaro.

Desde então, a joven pianista tem consolidado e aperfeiçoado tanto o seu modo de tocar, execuar e interpretar que e de justiça que já hoje seja classificada como uma artista consummada. Natural é que lhe falte ainda a força mascula necessaria para dominar o piano como um homem. Mas isto ella, melhor do que ninguem, o deve saber.

Mas, como sabe vencer, brincando as passagens technicas e as grandes e por vezes complicadas difficuldades technicas que encerra a obra de Cesar Franck,

SONIA VEIGA, que canta canções do Brasil lindamente.

"Variações Symphonicas", nada mais tem a aprender no que se refere á technica do piano. As partes que requerem sentimento e um estylo transparente e diaphano foram interpretadas por Ophelia Nascimento com verdadeira intuição musical, sem exaggeros de especie alguma.

Foi tão applaudida como o director da orchestra, Hans Weisbach. A interpretação que deu ao "Estudo" de Chopin que tocou como bis, foi uma verdadeira joia".

Ha ainda um jornal, o *Neve Leipsiger Zeiting*, que escreveu estas palavras: "Uma outra revelação neste dia triste e chuvoso, foi a joven pianista Ophelia Nascimento. Ha pouco mais de um anno que a vimos, ainda como garôta travêssa brincando e saltando com as suas collegas do Conservatorio. Uma estréa auspiciosa foi o inicio de uma facil e brilhante carreira artistica. Como uma revelação de grandeza propria, regressou ella de novo a Leipsig, a cidade onde recebera a sua educação musical, na classe de Max Paner, abrindo-se-lhe, então, as portas do Gewandhaus, onde acaba de tocar as "Variações Symphonicas", de Cesar Franck.

Lurzi uma creança ainda, encantadora nas lindas nuanças que tira da sua palheta musical, rica em tintas e coloridos, embora não seja ainda uma Elly Ney, soube ella dar uma verdadeira interpretação franceza á obra de Cesar Franck, fazendo resaltar com elegancia e forte temperamento musical toda a transparencia e os os rendilhados da composição franceza".

A chronica termina dizendo que o enthusiasmo do auditorio só se acabou depois de Ophelia ter executado, em extra. um Estudo de Chopin".

Deante dessas enthusiasticas referencias ahi transcriptas, se vê que não foi sem razão que, ha cerca de dois annos, quando aqui a ouviamos pela primeira vez, diziamos que, "ou muito nos enganavamos ou Ophelia Nascimento não tardaria muito a encher o mundo com o estrondo de seu nome"...

DE ELEGANCIA

QUE é que mais esta na moda? Todas as mulheres bonitas e bem vestidas.

— Exemplo...

— As que encontramos a cada passo, as que desertaram do Rio e agora estão voltando contentes da villegiatura, e mais contentes ainda pela temporada do asphalto da Avenida e das festas, que, desde o começo do outomno, começam a reunir os trezentos de Gedeão.

— Só trezentos? Mesmo com a população augmentada de certo tempo a esta data?

— Ainda não houve modificação na mathematica social. E', pois, uma estatistica que obedece a certos principios de selecção e de numero exacto. Uma estatistica que ficou e ninguem ousa renovar. Tambem para que? Dos "trezentos" fazem parte milhares. Porque não se fez tal recenseamento por cabeça e sim determinação de cifra.

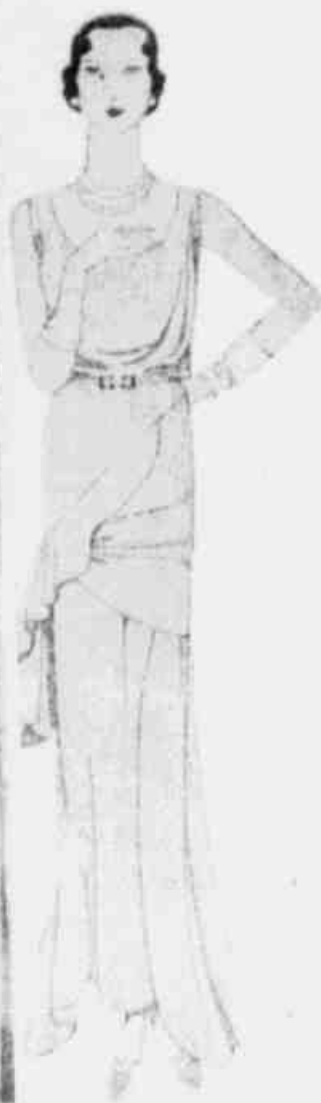
— E', assim, questão de entendimento proprio?

— E', assim, caso de convicção pessoal... Mas olhe, veja quanta menina bonita, quantas elegantes no Dorét. Os cinemas começam a povoar-se de espectadoras, e, muito bem locada no quarteirão Serrador, a casa do conhecido cabelleireiro que ainda fabrica perfumes...

— Vire o braço por traz do pescoço e diga, segurando com pontas dos dedos a da orelha: *da potinha*, ou "da ponta fina", como se dizia ao tempo do Gonçalo Ramires, da "Illustre Casa".

— O chapéo é muito agarrado...

— Que haverá ali, ao lado, naquelle predio bonito que não é arranha-céo?

— Caipira até doer! Você não sabe que é o Conselho Municipal, e...

— Tanto movimento! Ainda não se reabriram as sessões. — De facto, as ordinarias, não. Mas ha extras: as do reconhecimento. Estão em debate as urnas de 1° de Março.

— O que?! Carnaval discute-se assim? Escolha do melhor prestito ou do mais garboso rancho?

— Só mesmo você para fazer tal pergunta. Cousa seria, creatura. Escolha definitiva de deputados, de senador.

— Ahn! Mas que menina bonita! Onde irá? Vamos-lhe no encalço?

— Como queira.

E seguimos. A Avenida retoma, de facto, pouco a pouco, o aspecto elegante. Deserta o calor que desertára muita gente das calçadas da cidade, das casas de chá, das casas de modas. E se apreciam vestidos modernissimos, a moda de 1930 em todo o seu apogêu. As que usam, ainda, na rua, saias que arrastam pelo chão, são em numero diminutissimo. A nova moda que cobriu um *tantito* mais as pernas e marcou a cintura, começa a apparecer graciosa, seductora. Magazine que se reputa dos mais acatados deu assim o comprimeito dos vestidos modernos:

Para esporte: a largura da mão, atravessada. — Ao que accrescento: dedos, bem juntos...

Para viagem: 38 centimetros acima do sólo.

Para a rua: 34 centimetros acima do sólo.

24 centimetros acima do chão para os chás, em casa. — Os que se offerecem ás amigas. — O accrescimo tambem é meu.

Para jantares: orla pelos tornozellos.

Para grandes festas: cobrindo o pé, e, geralmente, cauda pelo chão, dois ou tres palmos.

Ninguem, deante disso, se enganará mais sobre o tamanho das saias. Os decotes, em geral, ao gosto de quem delles usa, ou ao dos maridos e namorados ciumentos.

Resolvida a materia que mais empolga, no momento, as elegantes, a do tamanho das saias, passo a descrever os modelos que aqui estampo. — Vestidos para a noite: crêpe marroquino preto e fivella de brilhantes, ajustando a cintura; setim azul pallido e fivella de pedras turqueza no cinto; crêpe romano verde esmaecido para o mais moderno dos vestidos de noite, e tambem dos mais elegantes: "lamé" estampado num vestido muito "drapé"; marroquino preto; pulseiras e collares de perolas e diamantes; crêpe romano branco e collar de rubi; setim branco, altos babados em forma e em espiral, e collar esmeralda; "manteau" de velludo "beije" claro guarnecido de "renard" branco feito expressamente para Dolores Del Rio.

Dois vestidos para a rua, e tres chapéos "dernier bateau": copa de feltro vermelho e aba rendilhada, de palha de seda de egual tom; palha flexivel havana, amarella e branca; feltro navana liso na aba e pospontado na copa.

Dos mil *nadas* que completam a grande elegancia: a bolsa que se associa á "écharpe", a que lembra a tonalidade do sapato, a do chapéo, a que se casa ao cinto, á guarnição da blusa. Ahi estão alguns modelos de bolsas feitas de tecido e que se pode executar com retalhos do vestido ou ainda do lenço, que não passou de moda, muito ao contrario, está no rigor, e tambem pode combinar com a boina que é "febre" de agora. Um pouco de engenhosidade e pequenos pedaços de panno ou um desenho pospontado a ouro ou a côres formará a carteira elegante.

Rendas, botões, chapéos, lenços, pelles: na Casa Machado.

Tecidos que se não descoloram: tintos por Indanthren.

SORCIÈRE

VELHARIAS E MODERNICES

MOVEIS modernos, moveis antigos; moveis de estylo, moveis estylizados. Cream-se novos confortaveis e artisticos; resurgem os seculares. Uns até encontrados ao tempo, sem trato e desvalorizados por quem os possuia. Sempre apparece o que os tira do máo trato, e, depois da recomposição tornam-se objecto de commentarios por que têm uma histoque, de legado em legado póde dar um romance...

Mas nos moveis antigos ha encanto especial, como encantadores são os modernos. Estão uns e outros no rigor da moda. Tanto a sala 1830, como a 1930 merece destaque, gabos e encomios.

Voltam-nos os rendilhados de madeira, os espelhos em trabalhosas molduras douradas, os consolos, as poltronas "capitonnées", dourados arabescos, vélas em supportes de madeira ou de bronze, de prata e mesmo de ouro, pequenos biombos forrados de damasco, cadeiras de pernas retorcidas e espaldares em desenhos difficeis.

Apparecem, dia a dia, os grandes divans onde se empilham almofadas de renda de seda, de "lamé", de velludo e de feltro. E guarnecem um canto de "studio", que, hoje substitue a classica sala de visitas nas casas que preferem os novos moveis. Prateleiras laqueadas de "gris", de rosa, de azul ou de preto contêm livros aqui e ali em estudado desarranjo e aqui e ali separados por estatuetas finas, nudezas de porcellana, jarras com flores... A mesa destinada ao chá ou ao "cocktail" é feita de geito a que não faltem prateleiras tambem para livros, revistas, *bibelots*. Poltronas em, que a gente se sente bem, numa preguiça incompativel com o dynamismo actual, mas tão boas, tão acolhedoras mesmo nos minimos instantes em que nos guardam...

São assim as residencias actuaes: umas observam os velhos estylos, como os quadros em que as mulheres usavam anquinhas, saias fôfas, saias balão, e os homens, punhos de renda, meias de seda pelos joelhos, cabelleiras empoadas, e se resignavam, á vista dos demais, em apertar as pontas dos dedos das damas nos minuetos gentis...

Ha ainda quem, tendo casa grande e grande numero de aposentos, ou... numerario farto, guarneça salas de varios estylos, do antigo ao moderno, o da época do apperitivo e do "maillot".

Mas o estylo antigo volta justamente quando as mulheres se cansaram de andar como meninas, de vestidos acima dos joelhos. E as caudas nos trajes de noite bem que se enquadram num "fauteuil" 1850, num "pouf" Luiz XIV, á vista dos retratos avoengos e á vista da gente de agora como ao som do *jazz* e no arrôcho do maxixe.

Historia da Musica pela Senhora Schumann Heink

a) — Johann Sebastian Bach, um dos maiores genios do mundo da musica, compositor sublime e brilhante virtuose do orgão, viveu uma vida de estudos e clausura. **Os seus contemporaneos deram-lhe pouco valor.**

b) Bach nasceu em 1685, em Eisenach, na Allemanha. Teve 20 filhos, alguns dos quaes se tornaram musicos famosos. As suas novas composições eram sempre ensaiadas em sua propria casa pelos membros da familia que se reuniam em torno do seu clavicordio.

c) Quando menino, Bach, teve uma paixão insaciavel por estudar musica. Não ha obstaculos contra os seus esforços. Afim de conseguir copias de manuscriptos prohibidos, sentava-se á noite, á janella, escrevendo á claridade do luar.

d) Um dos cantores do coro de Bach em Arnstadt, irritado pelas suas palavras asperas, tentou atacal-o na rua com um cacete. Bach puxou da espada em defesa e foi salvo da luta sómente por intervenção de amigos.

a) — Bach abandonou altivamente a orchestra da corte de Weimar em 1717, porque lhe tinham recusado uma promoção a que fazia jús. As autoridades da cidade ficaram molestadas com a sua altivez, de modo que o prenderam e o jogaram no carcere.

b) — A musica da Paixão (musica religiosa) que era tão popular na Allemanha, desde a Edade Media, attingiu o seu maximo desenvolvimento graças ao genio de Bach. As suas Paixões de São Matheus e de São João são os dois typos supremos de musica religiosa.

c) — Quando Bach já era um velho, elle visitou Frederico, o Grande. O rei da Prussia acabava de installar no seu palacio de Potsdam quinze novos pianos. Elle deu ao compositor um thema para improvisar e insistiu em que experimentasse os pianos, um por um.

d) — No fim de sua vida, Bach perdeu a visão. Fora sempre de grande vontade, e do seu leito, em um quarto cheio de sombras, elle dictava musica até os seus ultimos momentos. O seu espirito creador guardou até o final da vida todo o vigor de outros tempos.

a) — Em Cremona, na Italia, a arte de fazer violinos chegou ao seu zenith nos seculos XVI e XVII. Foi ahi que trabalhou Stradivarius, o maior fabricante de violinos de todos os tempos. Os violinistas de hoje, pagam quant'as fabulosas pelas suas creações que são muito raras.

b) — Henri Purcell, o mais vigoroso e original compositor da Inglaterra, que nasceu em 1658, compoz uma obra prima de opera "Dido e Enéas" com a edade de 17 annos. Por occasião da primeira representação, em uma escola feminina que estava muito em moda, elle cantou um dos papeis principaes, sendo muito applaudido.

c) — Purcell era um grande amigo do poeta Dryden e escreveu musicas para varias das suas peças, incluindo a "Rainha Indiana". Quando Dryden receiou a prisão por dividas feitas, elle fugiu de sua casa e se refugiou na residencia de Purcell, que estava situada na torre do relogio do Palacio de Saint James.

d) — Purcell gostava de bolos e cerveja. A sua mulher aconselhou-lhe que voltasse cedo de uma festa, mas elle não soube obedecer. Quando chegou, encontrou a porta fechada. Calmamente se deitou á soleira da porta, morrendo enregelado de frio nessa posição com 37 annos de edade.

a) — Monteverdi, que viveu no seiulo XVII, foi o primeiro importante compositor de opera. Foi o primeiro a musicar um libreto melodramatico, pratica que os compositores de hoje ainda seguem. Foi o inventor do que pode ser chamado "Genero de canções apaixonadas", tendo composto grande numero dellas.

b) — Monteverdi era musico da corte do Duque de Mantua. Acompanhou o seu senhor em numerosas viagens. Ambos iam para a guerra e de noite, entre as batalhas, sentavam-se sobre canhões e cantavam madrigaes, tocando bandolim.

c) — Alessando Scarlatti, compositor napolitano do seculo XVII, foi o inventor do estylo bel canto. Introduziu na opera a aria ou solo com acompanhamento instrumental e inventou um methodo de adestrar os cantores de opera.

d) — Scarlatti escreveu 500 cantatas e 125 operas incluindo "Prigionier Fortunato", que era cantado nas villas da nobreza napolitana. Representação notavel foi dada em 1680 no Palacio Romano, de Christina, ex-rainha da Suecia.

Continúa no proximo numero

Banco dos Funccionarios Publicos

A inauguração no dia 28 de Março ultimo da séde do Banco dos Funccionarios Publicos, á rua do Carmo, 59, dotou o Rio de mais um elegante e luxuoso edificio.

Antes da sessão inaugural da séde propria do Banco, recebeu o edificio a benção do bispo D. Joaquim Mamede, que foi acompanhado pelos representantes dos Srs. Presidente da Republica, ministros da Fazenda, do Exterior, da Agricultura, da Marinha e da Guerra e de outras altas autoridades.

Declarando inaugurado o edificio, logo após, o presidente do prospero estabelecimento, Dr. Carlos Augusto Naylor Junior, proferiu um eloquente discurso, historiando a evolução do Banco e inaltecendo a honesta e fecunda actividade de suas directorias, desde a fundação pelo funccionario publico Antonio José de Abreu, até á actual, desta destacando a figura do director-gerente, coronel Matheus Martins Noronha, a cujo espirito atilado e perseverante deve o Banco dos Funccionarios Publicos o seu actual desenvolvimento, a grande prosperidade que se reflecte na inauguração da luxuosa e confortavel séde que se assistia. Terminando os justos conceitos em torno da acção do seu digno collega de directoria, provou o Dr. Naylor Junior:

"Sem desfallecimentos, sem receios, com essa pertinacia que lhe é propria, acabamos de vencer a jubilosa etapa que hoje commemorámos e que será sempre para a vida do Banco dos Funccionarios Publicos, um marco de glorias em seu progresso.

Concluindo, cabe-me o dever de agradecer cordialmente, em nome da directoria do Banco e dos Srs. Accionistas a illustre presença dos membros do governo, significando o alto apreço que a Administração Publica se digna conceder a este Instituto.

Outrosim, ás Exmas. senhoras e senhoritas, aos nossos dignos consocios, aos senhores representantes dos Exmos. Sr. Presidente da Republica, secretario de Estado, bispo D. Mamede, imprensa carioca e ás demais pessoas presentes, os nossos sinceros agradecimentos pela honra da sua visita.

UMA HOMENAGEM AO CORONEL MATHEUS NORONHA

Inaugurou-se, depois, um busto do director-gerente, offerecido á directoria pelos funccionarios do Banco, em cujo nome falou o contador Dr. Gladstone Flores, que se referiu em termos carinhosissimos ao coronel Matheus Martins Noronha, como chefe zeloso, amigo dedicado dos seus auxiliares e de toda a classe dos funccionarios publicos, que nunca appelaram em vão para o seu coração exuberante. Terminando a sua vibrante oração, offerecendo o bronze á directoria, pediu ainda o Dr. Gladstone Flôres permissão para offerecer lindos ramos de flores ás Exmas. senhoras Dr. Naylor Junior, Silveira Castro e Martins Noronha.

O coronel Matheus Noronha, que é uma figura de desta-

Ao alto: Fachada da séde do Banco dos Funccionarios Publicos, á rua do Carmo, 59. Ao centro: Da esquerda para a direita, os directores do Banco: Antenor Silveira Castro, secretario; Dr. Carlos Augusto Naylor Junior, presidente; e coronel Matheus Martins Noronha, gerente. Em baixo: Grupo tomado na secção de inauguração.

Aspecto da inauguração do busto do director-gerente coronel Matheus Martins Noronha.

O joven sub-gerente Dr. Francisco de Abreu.

D. Joaquim Mamede, que officiou na benção do novo edificio, entre directores do Banco e convidados.

taque do funccionalismo publico, agradecem com visivel emoção a homenagem que acabava de ser-lhe feita.

Seguidamente subiram os convidados ao segundo andar do sumptuoso edificio, sendo-lhes offerecido, então, um fino serviço de "buffet". Ao "champagne" foram trocados entre a directoria, as altas autoridades ali representadas e os jornalistas, brindes muito cordiaes, nos quaes se repetiram as referencias á probidade e aos esforços bem orientados da actual directoria do Banco dos Funccionarios Publicos, que está assim constituida: Dr. Carlos Augusto Naylor Junior, presidente; coronel Matheus Martins Noronha, gerente; Antenor Augusto Silveira Castro, secretario.

A Sub-Gerencia está confiada ao zelo inexcedivel e ao inteiro conhecimento do "metier" do Dr. Francisco de Abreu, que apezar de muito joven ainda é já, pela sua competencia em assumptos financeiros, como pelas suas bellas qualidades individuaes, um dos vultos queridos e acatados nos circulos bancarios da capital da Republica.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

FILHINHA MALUCA (Rio) — Sua letra não soffreu grande modificação. Revela apenas mais um pouco de nervosismo, impaciencia, intranquillidade. A assignatura que mandou para o estudo tem o defeito de ser escripta a lapis e em papel pautado. Vê-se, entretanto, inconstancia em umas tantas cousas e teimosias em outras, chegando mesmo á obstinação. E' um espirito sceptico e contradictorio, desejando alcançar qualquer cousa obstina-se até conseguir seu intento, menosprezando depois o esforço feito pelo abandono do objecto obtido. E' ainda amiga do luxo e das commodidades. Está satisfeita ? Escreva.

BUFFALO BILL (Rio) — Sua graphia ligada significa; concatenação de idéas, actividade psychica, poder logica e deducção, assimilação facil e um pouco de precipitação tambem. O traço complicado com que firma sua assignatura denota que gosta das situações embaraçosas pelo prazer de se sahir bem dos seus liames. E' reservado e mysterioso.

ALA' (São Paulo) — A inclinação dos traços de sua letra para a esquerda significa: desconfiança, contensão de espirito, dissimulação. Isso, entretanto, não exclue a bondade revelada no arredondado das letras, idéas nobres e elevadas, uma certa reserva no córte dos tt, força de vontade e energia.

FLOR DE LOTUS (Itanhaen) — A sinuosidade das linhas demonstra pouco amor á verdade, espirito maleavel e accommodaticio, querendo estar bem com todos, não desgostando nem contradizendo pessoa alguma. Vejo ainda uma certa indecisão, receio, medo, resoluções demoradas, tardias. Ha signaes de amor ao bem estar, ao luxo, ás commodidades e ás grandes viagens.

MARIUS (Itanhaen) — Vê-se logo inconstancia, versatilidade, nervosismo, incoherencia na sua letra que revela ainda emotividade, agitação constante, mobilidade, sensibilidade exaltada. No momento de escrever tinha uma preoccupação qualquer que o absorvia quasi por completo. Entretanto não é máo rapaz...

PIERROT (São Paulo) — Muita fantasia, bondade, espirito minucioso, cheio de curiosidade, amigo do detalhe, com muita finura, talvez até com um pouco de esgotamento mental, myopia.

Não é alegre; seu temperamento é melancolico, triste, deprimido. Caprichoso, com um pouquinho de espirito de vingança que é o prazer dos deuses...

LELIA (Santos) — Desconfiança, contensão de espirito, dissimulação, esquivança é o que se nota, á primeira vista, na sua letra, pela inclinação dos traços para a esquerda. Ha mais: actividade psychica, poder de logica e deducção impulsividade, assimilação rapida, tudo isso sem excluir delicadeza, sensibilidade, talvez até fraqueza. Estava tambem preoccupada com qualquer "assumpto importante" quando escreveu o cartãozinho creme que mandou.

COLOMBINA (Santos) — Os mesmos caracteres principaes da antecedente com a aggravante de não dizer o que pensa, pois sua assignatura é inteiramente diversa da letra usada no corpo da carta. O traço com que circumda denota reserva, preoccupação de ficar sempre bem, a coberto de suspeitas. Espirito maleavel e accommodaticio, fantasista e pouco amigo, por isso, da verdade. Amor ao luxo, ás commodidades, porém, pouco amiga de gastar dinheiro.

GRAPHOLOGO

O PEREGRINO DE LOURDES SILENCIOSA

(FIM)

despovoada de peregrinos, um tal repouso, uma tal doçura. No emtanto, a caminho do hotel, no frio cortante da noite, perguntas imprevistas vinham perturbando a minha paz. Por que ?

— Meu Senhor, eu sou poeira indigna. A ironia perderá a minha alma, ao mesmo tempo tão desejosa de humildade.

Essa oração rapida me liberta definitivamente da angustia. Ao chegar á porta do hotel (hoje vou comer figado de marreco á bearneza), já nenhum problema me tortura. Sou todo confiança e certeza. Sim, embora o thermometro desça vertiginoso e amanhã tenhamos geada, eu, peregrino unico de Lourdes no inverno, entraria sem hesitar na piscina...

— Si essa fosse a tua vontade, Senhor !

RIBEIRO COUTO

COUNTRI CLUB — Côrtes de tennis

Clinica Medica de "Para todos..."

COMMODOS PARA OS DOENTES

Para installar confortavelmente as pessoas que soffrem de qualquer enfermidade, escolher-se-á a melhor secção do edificio, muito embora seja a sala de visitas.

A renovação do ar nos aposentos dos enfermos é condição imprescindivel ao bom exito do tratamento.

Entretanto, com o maior cuidado, dever-se-á impedir que directamente incidam, sobre as pessoas enfermas, violentas correntes de ar athmospherico, seja effectuando a protecção de seus leitos, com o emprego de biombos adequados, seja collocando venezianas ou cortinas, em todas as janellas que possue o aposento, seja, fechando-as, si isto fôr absolutamente necessario, e abrindo, para ininterrupta renovação do ar, as janellas dos quartos ou salas contiguas.

O perigo de resfriamento, produzido pelas bruscas descidas de temperatura, desapparecerá, por inteiro, havendo a precaução de trazer os enfermos, sob a acção de cobertores e tendo, quando precisos, agasalhos apropriados á cabeça e ao pescoço.

Exceptuadas rarissimas especies de enfermidade, taes como as infecções da variola e do sarampo, o sol deve ter entrada no aposento, para illuminal-o, com seus raios beneficos, prival-o de humidade, aquecel-o brandamente e libertal-o dos micro-organismos pathogenicos.

Em certos e determinados casos morbidos, os enfermos devem mesmo receber, sobre o corpo, a energia vital que dimana dos raios solares e contribue, como poderoso auxiliar do tratamento, para o retorno ao estado de saude.

CONSULTORIO

JOE (Rio) — Use: infuso de salva 300 grammas, tintura de belladona vinte gottas — um pequeno calice, de quatro em quatro horas. Externamente, empregue: acido salicylico 10 grammas, amido 100 grammas — usando, em pulverisações, na região indicada.

TRINTA ANNOS (Rio) — Para melhor execução, o tratamento é uniforme, comprehendendo ambas as consultas. Em primeiro logar, cabe escolher um regimen alimentar adequado: leite, ovos, pequena quantidade de carne, muito pão e massas alimenticias, manteiga, queijos, sopas gordas, biscoitos, doces, compotas de frutas e cerveja maltada. Pela manhã, tome 2 comprimidos ovaricos. No meio do pequeno almoço e no meio da ceia, use "Placentodóse", num pouco de leite bastante assucarado. Depois do almoço e do jantar, use uma colher (das de sopa) de "Malt-Oleol". Faça, por semana, tres injecções intra-musculares, com a "Tonikeine". Use banhos mornos geraes, pela manhã. Depois de quarenta e cinco dias de tratamento, escreva alludindo aos remedios e communicando o resultado.

A. T. S. (Santa Luzia) — A menina deve usar: tintura de aconito quinze gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, licor ammoniacal anizado 20 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de Desessartz 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — meio calice de 3 em 3 horas. Depois de cada refeição principal, tome uma colher (das de café) de "Tricalcine", num pouco de leite.

A. B. E. L. (Corumbá) — Use: tintura de bulbos de colchico 4 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, iodureto de lithio 6 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas — tres colheres (das de sopa) por dia. Faça, por semana, duas injecções intra-musculares, com o "Arshydrargor".

NILZA (Rio) — A mamã deve usar, durante as crises: tintura de lobelia inflata 6 grammas, iodureto de sodio 6 grammas, tintura de opio camphorada 10 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, decocto de polygala 120 grammas — uma colher (das de sopa) de quatro em quatro horas. Cessadas as crises, passe a usar "Iodalóse Galbrun" — quinze gottas, num calice dagua assucarada, depois de cada refeição principal.

T. I. T. O. (Pouso Alto) — O menino deve aspirar, tres a quatro vezes por dia, as fumigações de alcatrão, queimado em um vaso metallico. Usará: tintura de lobelia inflata 40 gottas, tintura de drosera 1 gramma, xarope de codeina 20 grammas, xarope de angico 50 grammas, xarope de tolú 50 grammas — uma colher (das de chá) de tres em tres horas.

M. A. R. (Jaguary)—Durante os cinco ou seis dias que precedem á época esperada, use, pela manhã e á noite, uma capsula de "Apioseline Oudin". Si as crises periodicas forem muito dolorosas, use, no momento preciso: analgesina 1 gramma, tintura etherea de valeriana 2 grammas, bromureto de sodio 2 grammas, tintura de extracto fluido de viburnum prunifolium 4 grammas, xarope de canella 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — uma colher (das de sopa) de tres em tres horas.

H. I. L. D. A. (Araruama) — E' conveniente usar: chlorhydro-sulfato de quinina 20 centigrammas, salol 40 centigrammas — em uma capsula, vindo 12 iguaes, para tomar 3 por dia. Dominado o estado febril, use: arrhenal 60 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, tintura de genciana 5 grammas, phosphato monocalcio gelatinoso 8 grammas, vinho de quinium Labarraque 1 vidro — um pequeno calice, depois de cada refeição principal.

E. D. N. A. (Laguna) — Póde fazer a segunda serie das injecções mencionadas. Além disso, basta usar: ferripyrina 6 centigrammas, acido chlorhydrico diluido cinco gottas, pepsina 5 grammas, agua destilada 200 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal.

DR. DURVAL DE BRITO

"Não sei se pertenço ainda a essa maioria de imbecis e retrogradas creaturas, ou, se, conhecendo a verdade scientifica, me deixei vencer e suggestionar pela narração de factos, onde o sobrenatural avulta e a superstição impera... Como quer que seja, a verdade é que eu sinto em mim essa qualidade psychica, a qual, quer se traduze por phenomeno da telepathia, quer por propriedades mediumnicas, me dotou de uma antevisão, na maioria dos casos, tão nitida e perfeita, como material e concreta.

"Mas, allucinação ou fantasia dos sentidos: obsessão doentia ou ignorancia crassa, o certo é que esse bem ou mal vem sendo o "pivot" em torno do qual gira a minha preoccupação actual.

Um trecho de "Um aviso posthumo", sensacional conto de José Benedicto Cohen, que "O Malho" publica em seu numero de hoje, que está á venda.

CABELLEIRAS ONDULADAS

Poucas pessoas sabem que o stallax póde ser usado como shampoo, e que é muito melhor para este fim que qualquer outra substancia. Tem elle uma natural affinidade com o cabello, tornando-o lustroso, avelludado e pronunciadamente ondulado. Uma colherinha das de café, cheia de stallax granulado, dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que sufficiente para o effeito desejado. O stallax legitimo é vendido nas pharmacias, só em pacotes sellados, contendo uma quantidade sufficiente para fazer-se de vinte e cinco a trinta shampoos. O brilho que empresta ao cabello é inteiramente inimitavel e indescriptivel.

DEODORO

Entre os bons livros ultimamente entregues aos estudiosos da nossa historia, devemos collocar "Deodoro", obra de real merecimento e commemorativa ao primeiro centenario do nascimento do generalissimo que alicerçou a Republica. Nas 347 paginas do volume, a vida do grande vulto, cuja memoria todos veneramos, apparece nitidamente mostrando bem a lisura e a abnegação de Deodoro da Fonseca, legitimo soldado e grande cidadão, pela causa republicana.

No prefacio da obra espelha-se o seu valor como pódem aquilatar os proprios leitores:

"Com esta segunda edição, augmentada com o relato das festas civicas commemorativas do centenario do nascimento do glorioso e immortal marechal Manoel Deodoro da Fonseca, e dos discursos então pronunciados nas varias solemnidades realizadas a 5 de Agosto de 1927 — dá a Commissão pró-monumento Deodoro cumprimento a um dos pontos do seu programma. Este não se limita apenas á erecção do monumento ao inclyto fundador e proclamador da Republica — divida que o Brasil já tarda em pagar — mas tambem a pôr diante das gerações de hoje e as vindouras a sua figura empolgante, a nobreza de sua vida, a elegancia moral das suas attitudes, o desassombro dos seus gestos, o seu espirito de renuncia e de sacrificios e o seu acrysolado patriotismo. Em summa: o precioso acervo dos seus serviços á Patria.

Este livro constituirá um subsidio valioso para os historiadores de amanhã. Será uma bussola a guial-os na confusão, propositadamente estabelecida, dos factos occorridos a 15 de Novembro na capital brasileira, e deturpados por muitos dos seus contadores, que se têm collocado sob o ponto de vista pessoal, sempre perigoso pelo espirito de vaidade que o tráe.

Em todas as nações civilizadas ha um patrimonio moral inalienavel, formado pela galeria dos seus grandes homens. Desses que se fixam nos horizontes da Historia como astros, que são. Os meteoros fugazes, que os acontecimentos occasionaes criam, — esses, morrem com a morte.

Que todo o brasileiro que ler este livro, o faça com carinho, com emoção patriotica. Deodoro se impoz ao culto da Patria pela sua bravura indomita nos campos da guerra, pela sua estatura heroica nos departamentos da paz. Venerar-lhe a memoria, eternizar-lhe o vulto no bronze de uma estatua, é um dever de honra. Saibamos cumpril-o com a serena belleza das consciencias crystalinas".

Waldyr, filho do Sr. Fritz Nittzche

Como se vê, a obra é realmente merecedora da mais ampla divulgação. A materia vastissima se impõe pela variedade e correcção como se depreheude do summario que aqui transcrevemos:

Deodoro e a Republica, Marechal J. Marques da Cunha; **Deodoro (soneto)**, Leoncio Corrêa; **Centenario de Deodoro**, Noronha Santos; **Deodoro**, Major Alfredo Severo; **Hymno a Deodoro**, Leoncio Corrêa; **Recordando**, Ferreira da Rosa; **Uma Spartana Brasileira**, F. Pereira Lessa; **Deodoro e a Escola Militar**, Americo Silvado; **Manoel Deodoro da Fonseca**, João Vampré; **Deodoro, o Magnanimo**, Marechal Ilha Moreira; **O Grande Brasileiro**, Annibal Thompson Esteves; **Annexos**; **Programmas das solemnidades civicas e militares que foram prestadas á memoria de Deodoro no dia 5 de Agosto, centenario de seu nascimento; Como foi feita a commemoração do Centenario do Marechal Deodoro**, Discurso do Dr. Le-

oncio Corrêa; **Discurso do Director do Prytaneu Militar**, General Jonathas de Mello Barreto; **Mensagem apresentada, em nome da commissão Executiva dos festejos**, pelo deputado Simões Lopes; **Deodoro e a proclamação da Republica**, deputado Ariosto Pinto; **Vibrante ordem do dia**, do General Coutinho; **Em pról da Republica**, indicação do Conselho Municipal da Captial Federal; **Conferencia feita pelo Ministro Sr. Dr. Tavares de Lyra; Deodoro, o centenario de seu nascimento**, Marechal Marques da Cunha; **Marechal Deodoro da Fonseca (Fundador da Republica)**, General Jacques Ouriques; **Deodoro e a Republica**, Marechal Clodoáldo da Fonseca; **O centenario de Deodoro**, "O Jornal", de 5 de Agosto de 1927; **A figura de Deodoro**, Rocha Pombo; **Manoel Deodoro da Fonseca**, Lauro Sodré; **O peccado original da Republica**, Mozart Monteiro; **Para a Historia da Republica**, Almirante Ferreira Campello; **Deodoro**, Souza Docca; **Subsidos para a Historia da Republica**, (documentos); **Centenario de Deodoro**, Clodomiro de Vasconcellos; **Generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca**, Supremo Tribunal Federal; **Marechal Deodoro da Fonseca**, (Diario Official do E. da Bahia, de 5 de Agosto de 1927); **Uma carta do unico sobrevivente do Governo Provisorio**, Demetrio Ribeiro; **Discursos**: Camara do Estado de São Paulo; **Paulo Setubal; Armando Prado** ("leader"); **Marechal Deodoro**, da "A Federação", de Porto Alegre, de 5 de Agosto de 1927; **Projecto n. 65, de 1928, da Camara dos Deputados do E. de São Paulo (autorizando a creação de um monumento da proclamação da Republica)**, discurso do Senador Rodolpho de Miranda; **Cartas de Quintino Bocayuva á viuva do General Solon**, D. Tulia Solon; e **Marechal Deodoro**, poesia de Tobias Barreto.

Ruth, filhinha do Sr. Fritz Nittzche

A Revelação

Dependurado sobre o oratorio, o meigo Jesus do crucifixo sorria docemente naquella cella de orações e de penitencia...

Soror Branca, estatica, olhos perdidos na immensidão alegre e florida do mundo de liberdade e de perdição, que se divisava através das grades negras de sua cella branca e vazia, parecia orar, agradecendo ao seu divino Esposo a graça do recolhimento e da innocencia...

Mas Soror Branca não rezava. Seus olhos não viam o mundo.

Ella contemplava um casal de namorados que, naquelle crepusculo risonho de primavera, aproveitavam os ultimos espasmos do sol moribundo, para dar extravasão ao mundo de sentimentos que tumultuavam nos seus corações amantes.

E, com a cumplicidade maliciosa dos passaros, que se despediam do dia gorgeando em conjuncto a symphonia do Bello, e das flores, que embalsamavam aquella linda tarde como o seu amor, elles se beijaram, corações em unisono... Um desses beijos que não são simplesmente beijos, mas a união de duas vidas inteiras, a união eterna de duas almas...

Soror Branca jámais tivera um amor, um namorado. Já nascera uma noviça pela irrevogavel lei paterna, uma noviça que se transformaria mais tarde naquella freira melancolica, cuja vida era um desejo continuo de alguma coisa que ella mesma não sabia definir o desejo do desconhecido...

Já escurecera e já se tinha ido o casal de namorados, arrulhando por entre os roseiraes em flor, e Soror Branca ainda olhava, sem ver, o logar que servira de palco para o desempenho do acto mais formoso da tragi-comedia de todos os tempos: a millenaria tragicomedia da Vida...

Era quasi completo o silencio daquella tarde ensolarada que se tornára uma noite pontilhada de estrellas.

O silencio era quebrado apenas pelos soluços angustiados de Soror Branca, que descobrira, tarde de mais, o objecto de desejo que illuminara sempre a sua vida de claustro, e chorava, com uma inveja immensa da peccadora Magdalena, que muito peccára, mas que tivera a ineffavel ventura de amar, amar muito...

Dependurado sobre o oratorio, o meigo Jesus do crucifico chorava silenciosamente naquella cella, donde tinham sido banidas as orações e onde a vida seria, agora, uma eterna penitencia.

Chorava a perda de mais uma ovelha do seu immenso rebanho...

ARY C. FERNANDES

São Paulo, 6—2—30.

Officinas Graphicas d'O MALHO